

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

GEDEAN RIBEIRO NASCIMENTO

O CENTRO EDUCACIONAL CARNEIRO RIBEIRO - ESCOLA PARQUE:  
SIMBOLOGIA DE ESCOLA VIVA NA COMUNIDADE DO BAIRRO DA  
LIBERDADE EM SALVADOR-BAHIA

São Leopoldo

2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

GEDEAN RIBEIRO NASCIMENTO

O CENTRO EDUCACIONAL CARNEIRO RIBEIRO - ESCOLA PARQUE:  
SIMBOLOGIA DE ESCOLA VIVA NA COMUNIDADE DO BAIRRO DA  
LIBERDADE EM SALVADOR-BAHIA

Dissertação de Mestrado Profissional

Para obtenção do Grau de Mestre em  
Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação  
Educação Comunitária com Infância e  
Juventude

Orientadora: Marga Janete Ströher

Co-Orientador: Roberto Ervino Zwetsch

São Leopoldo

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N244c Nascimento, Gedeon Ribeiro

O Centro Educacional Carneiro Ribeiro - Escola Parque :  
simbologia de escola viva na comunidade do Bairro da  
Liberdade em Salvador - Bahia / Gedeon Ribeiro Nascimento ;  
orientador Marga Janete Ströher ; co-orientador Roberto Ervino  
Zwetsch. – São Leopoldo : EST/PPG, 2009.

86 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia.  
Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia.  
São Leopoldo, 2009.

1. Educação popular – Bahia. 2. Centro Educacional  
Carneiro Ribeiro. 3. Democratização da educação. I. Ströher,  
Marga Janete. II. Zwetsch, Roberto Ervino. III. Título.

GEDEAN RIBEIRO NASCIMENTO

O CENTRO EDUCACIONAL CARNEIRO RIBEIRO - ESCOLA PARQUE:  
SIMBOLOGIA DE ESCOLA VIVA NA COMUNIDADE DO BAIRRO DA  
LIBERDADE EM SALVADOR-BAHIA

Dissertação de Mestrado Profissional  
Para obtenção do Grau de Mestre em  
Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação  
Religião e Educação

Data:

Marga Janete Ströher - Doutora em Teologia - Faculdades EST

---

Roberto Ervino Zwetsch - Doutor em Teologia - Faculdades EST

---

*A meus pais,  
Teófilo Ferreira do Nascimento e Joana Ribeiro do Nascimento,  
ausentes fisicamente, mas presentes em seus ensinamentos e em meu infinito;  
a Francisco Fábio Pinheiro de Vasconcelos,  
amigo que sempre caminhou ao meu lado e que sempre haverá de caminhar,  
amparando-nos e incentivando-nos mutuamente;  
a minhas irmãs de coração,  
Dayana Santana Souza e Ana Lúcia Cerqueira Ramos,  
que só o tempo poderá dizer o tamanho da minha gratidão.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Pensei muito em como agradecer a cada pessoa que participou na construção desse trabalho e a forma que encontrei foi utilizando da poesia, porque ela resume minhas emoções e meu muito obrigado.*

### ***Mapa de Anatomia: O Olho***

*Cecília Meireles*

O olho é uma espécie de globo,  
é um pequeno planeta  
com pinturas do lado de fora.  
Muitas pinturas:  
azuis, verdes, amarelas.  
É um globo brilhante:  
parece cristal,  
é como um aquário com plantas  
finamente desenhadas: algas, sargaços,  
miniaturas marinhas, areias, rochas,  
naufrágio e peixe de ouro.

Mas por dentro há outras pinturas,  
que não se vêem:  
umas são imagens do mundo,  
outras são inventadas.

O Olho é um teatro por dentro.  
E às vezes, sejam, atores, sejam cenas,  
e às vezes, sejam imagens, sejam ausências,  
formam, no Olho, lágrimas.

*A Deus, pela vida, manifestação de seu amor em todos os momentos de minha vida;*

*A minhas irmãs de coração, Dayana e Ana Lúcia Cerqueira, a quem tanto devo pelo seu carinho e amor;*

*Aos professores, coordenadores, vice-diretores, funcionários, alunos e comunidade que foram a minha fonte de inspiração e são os protagonistas deste trabalho;*

*Aos amigos que sempre estiveram ao meu lado;*

*Aos amigos Efigênia Daltro e Marcelo da Purificação, que juntos tivemos a oportunidade de descobrir o valor da verdadeira amizade, assim como compartilhar a dor e alegria no período que passamos juntos;*

*Aos entrevistados que se colocaram à disposição para reconstrução da história deste Centro, e a Luciene, Adriano e Jean, que percorreram trilhas para demonstrar que a Escola Parque Continua Viva;*

*A minha orientadora, Profa. Dra. Marga Janete Ströher, pelo apoio e estímulo;*

*A Ivonete Amorim e Ivonilde Espiritosanto, meus agradecimentos pela competência e carinho durante a elaboração deste trabalho. Suas marcas estão em cada palavra para construção dos enunciados deste texto que reconstrói uma Escola Viva;*

*E especialmente, e uma vez mais, a minha mãe (in memoriam) que sempre acreditou que o saber é a fonte do conhecimento humano, onde ela esteja vai minha eterna homenagem pela simbologia da mãe eterna.*



*Carmem Spínola Teixeira, 1974. Gestora do C.E.C.R. – Escola Parque de 1950 a 1974.*  
**Fonte:** Acervo da Escola Parque.

*“A democracia é o regime da mais difícil das educações, a educação pela qual o homem, todos os homens, todas as mulheres aprendem a ser livres, bons e capazes. Nesse regime, pois, a educação, faz-se processo mesmo de sua realização. Nascemos desiguais e nascemos ignorantes, isto é, escravos. A educação faz-nos livres pelo conhecimento e pelo saber e iguais pela capacidade de desenvolver nossos poderes inatos. A justiça social, por excelência, da democracia consiste nessa conquista da igualdade de oportunidades pela educação. Democracia é literalmente, educação. Há, entre os dois termos, uma relação de causa e efeito. Numa democracia, pois, nenhuma obra supera a de educação” (Anísio Teixeira).*

## **RESUMO**

Este trabalho tenciona fazer um estudo das idéias pedagógicas implantadas por Anísio Teixeira no então denominado Centro de Educação Popular, hoje Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Procura-se ainda fazer um pequeno estudo da realidade educacional baiana na época em que Anísio Teixeira idealizou e fez erguer esse centro e de como, apesar das décadas decorridas, suas idéias continuam sendo consideradas inovadoras, atuais e resgatadas desde 2002, pelo atual corpo dirigente do referido centro. Diferentemente de outros trabalhos, não buscamos resgatar a biografia do educador baiano, mas focar o surgimento do Centro, seu apogeu, decadência e ressurgimento. Este trabalho também analisa, sucintamente, a gestão democrática, terminologia muito usada hoje, mas implantada há muito pela primeira gestora do Centro educacional Carneiro Ribeiro, Carmem Spínola Teixeira. Para lastrear nossas discussões e ajudar na defesa de nossos pontos de vista nos valem os atuais e renomados teóricos da educação e do testemunho de diversos ex-alunos que por aquele Centro passaram.

**Palavras-chave:** educação, pedagogia anisiana, gestão democrática, narrativas de vida.

## **ABSTRACT**

This work intends to make a study of the pedagogical ideas implanted by Anísio Teixeira then called the Center for Popular Education, today called Educational Center Carneiro Ribeiro. Search is still doing a small study of the educational reality at the time when Anísio Teixeira has idealized and built this Center and how despite decades after, his ideas are still considered innovative, current and recovered since 2002 by the current body leader of the Center. Unlike other works, we do not seek to redeem the biography of the educator, but focus on the emergence of the Center, its heyday, decline and resurgence. This paper also briefly examines, the democratic management, terminology used much today, but long established by the first manager of the Educational Center Carneiro Ribeiro, Carmen Spínola Teixeira. Ballast for our discussions and help in the defense of our views we asserted of current and renowned theoretical of education (educators) and the testimony of several former students who went through that Center.

**Key-words:** education, anisian pedagogy, democratic management, narratives of life.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 A ESCOLA PÚBLICA RESSIGNIFICA O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.....	15
1.1 O cenário da educação pública na Bahia na década de 1940 .....	16
1.2 Surge na Bahia a Escola do Povo.....	19
1.3 Carmem Spínola Teixeira e os princípios da Gestão Democrática.....	23
1.4 A Constituição Federal do Brasil de 1988 e o gerenciamento do C.E.C.R. 1950 a 1974.....	30
2 O ADVENTO DO CENTENÁRIO DE ANÍSIO TEIXEIRA .....	33
2.1 Núcleo de Informação, Comunicação e Conhecimento .....	36
2.2 Núcleo de Leitura e Pesquisa.....	38
2.3 Núcleo de Pluralidade Artística e Conhecimento .....	39
2.4 Núcleo de Pluralidade Esportiva e Conhecimento.....	41
2.5 Núcleo de Artes Visuais .....	42
2.6 Núcleo de Jardinagem .....	45
2.7 Núcleo de Alimentação .....	46
2.8 Núcleo de Projetos Especiais.....	47
2.9 Após sete anos o Centro cria o seu Projeto Político Pedagógico.....	50
2.10 Processo de construção do C.E.C.R.: da utopia à realidade .....	51
3 A ESCOLA É UMA SIMBOLOGIA DA VIDA .....	59
3.1 José Mendes, Marivaldo, Maridaura e Darci Xavier: o contar da história viva do Centro .....	61
3.2 As narrativas resgatam as histórias de seus protagonistas.....	64
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	66
REFERÊNCIAS .....	70
PAINÉIS E AFRESCOS DE 1953 .....	75

GALERIA DE MOSAICOS DE 2002 A 2008 .....	76
Mosaico 01: Núcleo de Alimentação .....	76
Mosaico 02: Núcleo de Esportes .....	77
Mosaico 03: Núcleo de Artes Visuais.....	78
Mosaico 04: Núcleo de Jardinagem.....	79
Mosaico 05: Núcleo Artístico.....	80
Mosaico 06: Núcleo de Informação.....	81
Mosaico 07: Núcleo de Leitura e Pesquisa .....	82
Mosaico 08: Núcleo de Projetos Especiais.....	83
C.E.C.R – ESCOLA PARQUE É DESTAQUE NA MÍDIA.....	84

## INTRODUÇÃO

A dissertação intitulada “**O Centro Educacional Carneiro Ribeiro – Escola Parque:** simbologia de escola viva na Comunidade do Bairro da Liberdade em Salvador-Bahia” começou a ser pensada, primeiramente, a partir da admiração pelas idéias pedagógicas anisianas, embora eu não seja especialista nos ideais educativo-pedagógicos de Anísio Teixeira, mas apenas um curioso leitor de suas idéias e empreendimentos. Além da admiração pelo referido educador, havia ainda, de minha parte, um entusiasmo crescente pela forma de gerenciar o C.E.C.R., função delegada à educadora Carmem Spínola Teixeira, irmã de Anísio. Sua gestão, à frente do Centro, perdurou de 1950 a 1974, ininterruptamente. Minha surpresa, positiva, em relação a esta gestora é o fato de além de ser grande administradora, ter ela permanecido na direção do Centro Educacional Carneiro Ribeiro por tanto anos e em uma época na qual a troca constante de gestores, motivada por indicações políticas, era uma prática corriqueira. O que a manteve lá, para os menos avisados, não foi o grau de parentesco com o idealizador do Centro, mas a sua inegável habilidade e brilho intelectual para gerir democraticamente.

Ainda justifica a eleição desse tema o nosso inegável deslumbramento pelo C.E.C.R., modelo de escola integral e único no Brasil. Ao passarmos na frente de seus portões ficávamos impressionados pela grandeza de seu espaço físico, pela clientela estudantil que o Centro recebia e pelo desafio que devia ser enfrentado por aqueles afortunados que a gerenciavam. Nesses passeios em frente ao Centro, éramos gestores de uma escola estadual de Ensino Médio na periferia da cidade de Salvador. Aqui, cabe ressaltar que não ambicionávamos, nesses passeios pelo Centro e seu entorno, chegar um dia ao posto de seu gestor. Mas, ao que parece, o destino, Deus, ou outras forças, políticas ou ocultas, conspiraram para que fôssemos convidados em 2002 a tomar assento na direção do C.E.C.R. e resgatar os ideais de Anísio Teixeira com o advento de seu centenário. A responsabilidade imposta a nós, *a priori*, amedrontá-va-nos, visto que, como dissemos, éramos apenas estudantes curiosos dos ideais anisianos, e não especialistas neles, nem tampouco tínhamos

experiências no funcionamento de uma escola de educação integral. Além do mais, “exigiam” de nós reconstruir plenamente uma história exitosa de modelo educacional implantada por Anísio Teixeira e que era bem conhecida não só por estudiosos do educador, mas, principalmente, pelos ex-alunos, moradores do entorno da escola e, muitos deles, funcionários e professores do Centro.

Assim, sem mais demora, passemos a demonstrar o que foi feito em cada capítulo que forma o todo dessa dissertação. O primeiro capítulo, intitulado “A Escola Pública Resignifica o Processo de Ensino Aprendizagem” procura traçar, *en passant*, o cenário da educação pública na Bahia da década de 1940. Ainda nesse momento, procuramos demonstrar que, constatada a precariedade do ensino primário no Estado, o governador Otávio Mangabeira delegou a Anísio Teixeira a tarefa de planejar e executar um modelo escolar arrojado que atendesse não à estética do belo, mas um centro escolar que atendesse, sobretudo, aos mais carentes. Realizada essa retrospectiva, demos prosseguimento ao nosso estudo tentando demonstrar como o Centro Popular ganhou forma, fez-se realidade e atendeu àqueles que dele mais precisavam. A sua frente estava Carmem Spínola Teixeira, educadora, hábil gestora, que soube colocar em prática os princípios de gestão democrática, antecipados por Anísio Teixeira. Finalizamos esse capítulo demonstrando como o Centro Popular foi vítima do descaso político de outros governos pós-Otávio Mangabeira e como ele conheceu seu momento de maior decadência entre os anos de 1974 e 1998, embora tenha ganho fôlego com a Constituição Federal do Brasil, promulgada em 05 de outubro de 1988.

O segundo capítulo dessa dissertação enfoca o reflorescimento do Centro educativo idealizado por Anísio Teixeira. Em 1998, deu-se a comemoração do centenário de Anísio Teixeira. Para comemorar esse advento, houve diversas manifestações nacionais e, no plano baiano, o governo da época, comandado pelo Excelentíssimo Governador Paulo Ganem Souto e seu Secretário de Educação, Eraldo Tinôco, envidou esforços e reformou toda a Escola Parque, mas não as Escolas-Classe. O objetivo maior dessa “reconstrução” era devolver à sociedade baiana, principalmente àquela atendida pela escola, não apenas uma “nova escola”, mas, sobretudo devolver uma escola que resgatasse, na íntegra, os ideais educativos/pedagógicos anisianos. Essas bem-feitorias físicas e a implementação de práticas pedagógicas idealizadas por Anísio, mas adequadas para os tempos de hoje, estão bem descritas e detalhadas nesse segundo capítulo que denominamos de “O advento do Centenário de Anísio Teixeira”.

O terceiro e último capítulo desse labor, denominado “A escola é uma simbologia de vida”, traz diversos depoimentos de ex-alunos do C.E.C.R. Nosso propósito nesse capítulo, não é apenas dar voz e vez a esses ex-alunos, mas, através de suas recordações, demonstrar que os ideais pedagógicos idealizados e implantados por Anísio Teixeira no C.E.C.R. interferiram positivamente na vida integral deles. Objetivamos ainda demonstrar como esse centro precisa manter vivo os ideais pedagógicos ali implantados. Tencionamos, pela voz deles, evidenciar que a pedagogia ali empregada não envelheceu, e que a clientela que o Centro recebe, educa e encaminha para a vida não conseguiu, não por culpa deles, mas por políticas públicas ineficientes, modificar a situação de pobreza e risco a que estão expostos.

## 1 A ESCOLA PÚBLICA RESSIGNIFICA O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Se voltarmos nosso olhar para o passado do cenário educacional brasileiro, vamos perceber que desde o final do século XX ele vem sofrendo um acentuado processo de mudança, tanto de cunho social e político, quanto no que tange aos aspectos didático-pedagógicos. E essas modificações são decorrentes não apenas das exigências sociais, mas, principalmente, ocorrem atreladas ao advento do que se convencionou denominar de globalização. Tais mudanças ressignificaram a concepção de aprendizagem, apresentando uma nova definição de educador e, conseqüentemente, de educando, os quais configuram novo conceito de educação e novo perfil de homem que se pretende formar. Se essa afirmação é verdadeira, percebemos que o sujeito delineado pela escola contemporânea deve ser criativo, proativo, autônomo, capaz de aprender a aprender e a adaptar-se à nova dinâmica social estabelecida, além de se preocupar com as questões sociais do seu entorno.

Esse novo paradigma educacional nos impõe uma profunda reflexão e ressignificação da educação e, especificamente, da escola, implicando na necessidade de implementação do modelo de gestão democrática (aspecto que desenvolveremos mais à frente) isto é, um padrão de gestão escolar participativo, de modo que corresponda às demandas atuais da educação. Corroboramos nosso ponto de vista Heloísa Lück, ao afirmar que

Essa mudança de paradigma é marcada por uma forte tendência de adoção de concepções e práticas interativas, participativas e democráticas, caracterizada por movimentos dinâmicos e globais, com os quais, para determinar as características de produto e serviços, interagem dirigentes, funcionários e “clientes” ou “usuários”, estabelecendo alianças, redes e parcerias, na busca de soluções de problemas e alargamento de horizontes.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> LÜCK, Heloísa. Perspectivas da Gestão Escolar e Implicações quanto à Formação de seus Gestores. **Em aberto**: gestão escolar e formação de gestores, v. 17, n. 72, p. 11-33, fev./jun. Brasília: INEP, 2000. p. 12. Disponível em: <[http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B7FF1DC84-64A4-42B8-B810-F685C8CD7193%7D\\_em\\_aberto\\_72.pdf](http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B7FF1DC84-64A4-42B8-B810-F685C8CD7193%7D_em_aberto_72.pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2009.

Como podemos perceber a partir do que sugere a autora acima citada, há um desafio que precisa ser enfrentado, isto é, para que haja práticas gestoras interativas, necessário se faz envolver os atores dos diversos segmentos que compõem a escola e que constroem o processo ensino-aprendizagem desenvolvido dentro e fora do âmbito escolar, para conjuntamente exercitarem ações em um clima relacional de reciprocidade em que todos (gestor, educandos, pais, professores, funcionários e outros) sejam ao mesmo tempo atores e autores do conhecimento e do poder produzido nesta relação. Assim, o conhecimento e o poder construídos nessa prática participativa serão resultantes do esforço de criação e da pluralidade de experiências dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Desde já, podemos adiantar que quando falamos em gestão participativa, termo relativamente novo nos compêndios especializados de educação,<sup>2</sup> falamos nos ideais de democratização do ensino e de educação para a democracia, há muito propostos por Anísio Teixeira e praticados no complexo educativo idealizado e fundado por ele, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro.

### **1.1 O cenário da educação pública na Bahia na década de 1940**

É preciso, aqui, fazer uma pequena menção ao passado educacional brasileiro e darmos prosseguimento ao nosso estudo direcionando nosso olhar para o presente. Mas, para entendê-lo melhor, é preciso ainda focar, sucintamente, o passado, mais precisamente o passado educacional baiano.

Na Bahia da década de 1940, não muito diferente de outros grandes centros urbanos, percebemos um cenário de insuficiência e improvisação dos serviços educacionais, principalmente no que se referia às instalações físicas e aos equipamentos escolares.

Os professores ministravam suas aulas aglomerados em prédios com a capacidade de alunos excedida, sem assistência técnica e administrativa e carecendo de recursos materiais. Em vez da seriedade e participação coletiva na gestão da educação baiana, instalava-se e ganhava corpo a precariedade e a centralização, desta forma, o governante estadual à época, Otávio Mangabeira, ordenou, em 1946, a construção de centros

---

<sup>2</sup> O movimento em favor da descentralização e da democratização da gestão das escolas públicas se inicia no princípio da década de 1980 e se concretiza em 1988 em estabelecimentos oficiais de ensino. Três vertentes básicas sustentam esse movimento: participação da comunidade escolar na seleção dos gestores da escola; criação de um colegiado/conselho escolar que tenha tanto autoridade deliberativa como poder decisório; repasse de recursos financeiros às escolas, o que leva a uma maior autonomia da mesma.

educacionais, os quais tinham por finalidade a recuperação do ensino primário, criação de espaços físicos, e visavam implantar novos currículos, novos programas, a contratação e a qualificação de professores. Mangabeira tinha nomeado como seu Secretário de educação Anísio Teixeira, recém chegado à Bahia, após um período de trabalho na UNESCO. Teixeira foi incumbido pelo governador de reestruturar o sistema educacional vigente, a fim de resolver a crescente demanda por vagas nas escolas públicas e, conseqüentemente, contribuir, mesmo que minimamente, para a democratização do ensino. Atestam nossas palavras Rocha ao asseverar que:

[...] preocupado com a falta de assistência familiar, social, de serviço de saúde, de escolarização e, conseqüentemente, com o estado de abandono em que vivia a criança pobre baiana, incumbiu seu secretário de Educação e Saúde, Anísio Teixeira, de elaborar um plano de educação elementar que reestruturasse o sistema vigente.<sup>3</sup>

Anísio Teixeira foi além do que ordenava e desejava o governador. A partir daquele momento, nascia um dos principais articuladores da Escola Nova no Brasil. Além de defender a escola pública e a gratuidade dela, o educador baiano via a necessidade da implantação de experiências práticas nas salas de aula. Anunciava a escola única, do trabalho e da comunidade, isto é, uma escola para todos, onde se desenvolvesse o hábito e a técnica do trabalho e se ensinasse a viver em cooperação.

Baseado nesses referenciais, ele definiu três eixos sobre os quais a educação básica deveria se sustentar, quais sejam: o estudo do currículo formal; o jogo, através de atividade de recreação e educação física; e o trabalho, através das aulas profissionalizantes, tais como marcenaria, corte e costura, padaria, confeitaria, etc.

Nessa perspectiva, Anísio antevia um homem que deveria ser educado não só para viver numa sociedade democrática, mas também para construí-la. E essa sociedade deveria ser entendida como aquela que permite a existência do homem integral, do jogo livre de idéias e da criação artística. Mas, para tanto, a escola (e a pública, melhor do que qualquer outra) deveria conduzir o indivíduo ao pleno desenvolvimento das suas virtudes. Por isso, Anísio defendia e previa, bem antes de muitos educadores e “novos” paradigmas educacionais, que o aluno deveria ser um sujeito ativo, o construtor de seu próprio conhecimento, não apenas um receptor de idéias propostas pelo professor. Melhor definição vem nas palavras do próprio educador:

---

<sup>3</sup> ROCHA, Marlos B. Mendes. O público e o privado no ensino: para uma análise do período de 1930-1945. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 16, 1992, p. 66.

A escola, pois, já não é, hoje, uma instituição para assegurar, apenas, como se pensava no século XIX, o “progresso”, mas a instituição fundamental para garantir a estabilidade e a paz social e a própria sobrevivência da humanidade. Já não é, assim, uma instituição voluntária e benevolente, mas uma instituição obrigatória e necessária, sem a qual não subsistirão as condições de vida social, ordenada e tranqüila.<sup>4</sup>

Esses princípios, acima delineados, nortearam toda a sua jornada como educador e como idealizador de uma escola renovada. Serviram também como parâmetro para o processo de reestruturação do ensino na Bahia, o Plano de Edificações Escolares proposto pela Secretaria de Educação e Cultura. Rocha, uma vez mais, atesta nossas afirmações:

Em 21 de setembro de 1950 inaugurou-se, parcialmente, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Três escolas-classe entraram em funcionamento, em três grandes prédios construídos em amplas áreas urbanizadas, situadas em três bairros: Liberdade, Pero Vaz e Caixa D'água.<sup>5</sup>

Como vemos, esse modelo participativo, popular, contraria e vai de encontro ao modelo passadista, arcaico, não endêmico à Bahia, mas presente em boa parte do sistema educacional brasileiro. Anísio Teixeira está além do seu tempo e à frente dos ideais pedagógicos de sua época. Ele supera a concepção de gestão escolar predominante na década de 1950, a qual priorizava a divisão de tarefas, separando o pensar e o fazer, gerando a fragmentação do saber, e a separação entre administrativo e o pedagógico no interior da escola. Detalhemos melhor esse processo centralizador: testemunhamos, por muito tempo no processo histórico brasileiro, um modelo de administração de caráter fortemente centralizador e o identificamos como herança do regime colonial, o qual permanece enraizado na base da organização do nosso sistema educacional, e, especialmente, no interior da própria sala de aula, manifestado através do autoritarismo e dos mecanismos rígidos de controle do trabalho e das relações de ensino-aprendizagem.

A gestão da escola brasileira, e da pública especialmente, sempre foi marcada pela centralização, verticalização e improvisação de ações, o que acarretou a fragilização das instituições de ensino e produziu o fracasso escolar em escala nacional. Os professores, em muitas unidades escolares, ainda se deparavam com uma administração sem objetivos previamente definidos, geralmente sob responsabilidade de diretores indicados por políticos que desconheciam a realidade da escola e, em muitos casos, não possuíam a formação nem a

---

<sup>4</sup> TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. p. 163.

<sup>5</sup> ROCHA, 1992, p. 66.

competência necessárias para administrá-las, além da ausência de liderança adequada para comandar os processos administrativos e pedagógicos.

Hoje, e a partir das concepções educativas de Anísio Teixeira, muitas mudanças de cunho pedagógico e legal ocorreram no cenário nacional. Os estudos sobre psicologia, sociologia e filosofia da educação preconizam a necessidade da formação de sujeitos autônomos, críticos e criativos, e da construção de uma escola voltada para a cidadania. Exigem, pois, novas formas de pensar a educação, bem como as intervenções no campo da gestão escolar por formas administrativas mais democráticas, que priorizem a realização de atividade integrada e busquem a consecução de objetivos comuns.

As políticas educacionais sancionadas, por sua vez, expressam tal preocupação e exigem da sociedade civil, em geral, e dos órgãos públicos responsáveis pelo sistema educacional, em específico, que sejam cumpridas tais determinações.

## 1.2 Surge na Bahia a Escola do Povo



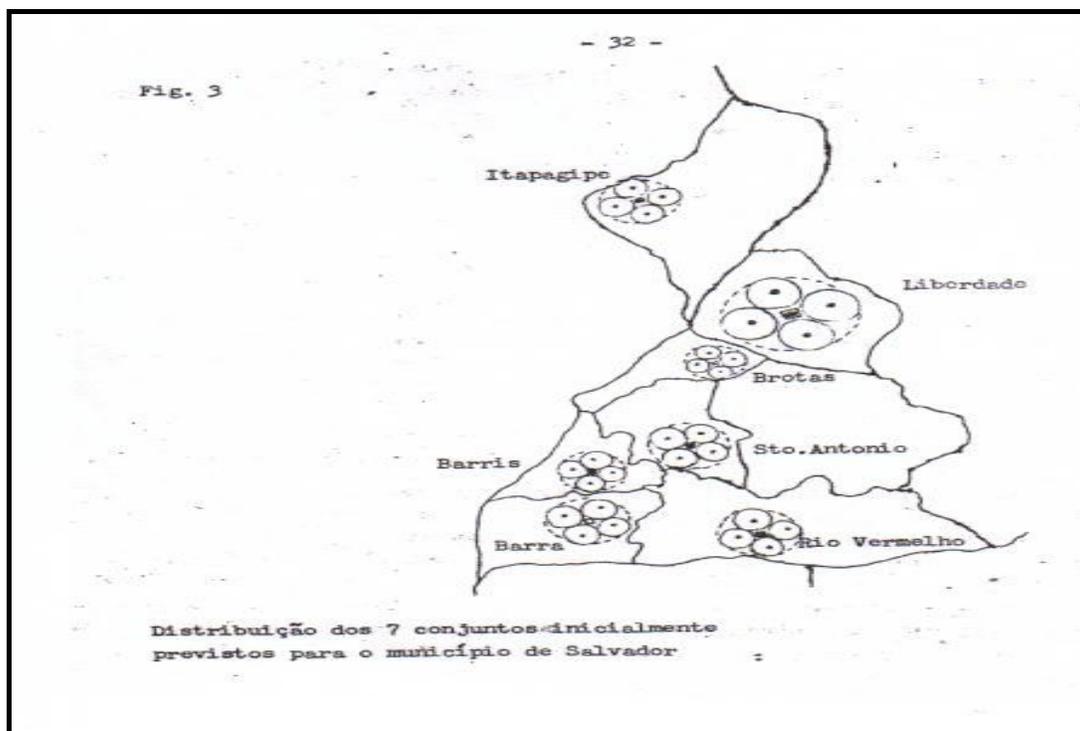
*Visão Panorâmica do C.E.C.R. – Escola Parque, 1963.*

**Fonte:** Acervo da Biblioteca da Escola Parque

A partir do que sugere o fragmento e da discussão empreendida por nós, nota-se que as mudanças advindas no sistema educacional baiano viabilizaram a criação do Centro de Educação Popular (Centro Educacional Carneiro Ribeiro (C.E.C.R.)) fincado no bairro da Liberdade, tendo como gestora geral a professora Carmem Spínola Teixeira.

Idealizado por Anísio Teixeira e inspirado nos ideais de democratização do ensino, o C.E.C.R. era um exemplo de experiência de educação integral, ou seja, do processo educativo que considera o educando como um ser individual, desenvolvendo-lhe todos os aspectos da personalidade, valores de liberdade com responsabilidade, pensamento crítico, senso crítico, senso artístico, disposição de convivência solidária, novas idéias e capacidade de trabalhar produtivamente, reunindo o ensino da sala de aula com a auto-educação, resultante de atividades diversas em que os alunos participam com plena responsabilidade.

Originariamente, o plano de Edificações Escolares proposto pela Secretaria de Educação e Cultura para Salvador previa a construção de sete centros educacionais, compostos por Escolas-Classe e Escola Parque, conforme especificado no mapa abaixo. Entretanto, o primeiro e único centro a ser criado inaugurou, inicialmente, três Escolas-Classe. A Escola Parque que deveria compor o conjunto foi inaugurada posteriormente.



Fonte: BASTOS, 2000.

No discurso proferido na inauguração do Centro, Anísio Teixeira apresenta o resultado do empreendimento na busca de reorganizar o sistema educativo no Estado.

Senhor Governador, este é o começo de um esforço pela recuperação, entre nós, da escola pública primária. [...] Tracejei, então, o plano desse centro que V. Exa.

ordenou fosse imediatamente iniciado. A escola primária seria dividida em dois setores: o da instrução, propriamente dita, ou seja, da antiga escola de letras, e o da educação, propriamente dita, ou seja, da escola ativa. No setor instrução, manter-se-ia o trabalho convencional da classe, o ensino da leitura, escrita e aritmética e mais ciências físicas e sociais e no setor educação as atividades socializantes, a educação artística, o trabalho manual e as artes industriais e a educação física.<sup>6</sup>

O centro educacional pensado e levado a termo pelo Secretário de Educação se compunha, como dissemos, a partir de escolas-classe, responsáveis pela educação formal dos alunos. Funcionavam em dois turnos, prestando toda a assistência necessária às crianças nelas matriculadas, tais como: fardamento, material didático, merenda e medicamentos necessários. Contavam, ainda, com o apoio do Setor do Currículo e Supervisão, encarregado da orientação pedagógica e do Setor Médico-dentário, constituído por profissionais designados pela Secretaria de Saúde do Estado.

A proposta pedagógica das Escolas-Classe consistia em abolir a repetência, situar o aluno dentro do seu grupo etário, garantir sua permanência na escola, independente de seu aproveitamento, e estabelecer como período de escolaridade no ensino primário a faixa etária de 7 a 13 anos. Proposta esta que também, de certa forma, antecede conquistas posteriores da prática pedagógica, qual seja “gerar cidadãos ativos que participem da sociedade como profissionais compromissados e não se ausentem de ações organizadas que questionam a invisibilidade do poder”, conforme aludimos posteriormente e como também nos explicita Cury.<sup>7</sup>

O currículo se desenvolvia através de centros de interesse ou unidades de trabalho, nos quais eram definidos temas que oportunizassem tratar os conteúdos de forma significativa, estimulando os alunos intelectualmente, através de atividades em grupo, pesquisas, excursões etc.

A Escola Parque, por sua vez, era o *locus* de realização das práticas educativas, onde os alunos completavam sua educação, em horário diverso ao da Escola-Classe, tendo o dia completo de permanência em ambiente educativo. Como espaço reservado à educação para a vida, essas escolas legitimavam os princípios da escola nova, do aprender fazendo, do desenvolver hábito e técnica do trabalho e do viver em cooperação, através das atividades realizadas em seus setores: de trabalho (artes aplicadas, industriais e plásticas); artístico (teatro, música e dança); recreativo (ou de educação física); de extensão cultural e biblioteca

---

<sup>6</sup> TEIXEIRA, Anísio apud BASTOS, Zélia. **Centro Educacional Carneiro Ribeiro: uma experiência de educação integral em tempo integral de atividades.** São Paulo: CIP, 2000. p. 21.

<sup>7</sup> CURY, Augusto. **O código da inteligência.** São Paulo: Ediouro, 2008. p. 17.

(leitura, estudo livre ou dirigido, pesquisa, hora do conto, teatro de sombra e fantoches); e setor socializante (grêmio, jornal, rádio-escola, banco e loja).



*Fotos da Biblioteca e Setor de Trabalho em 1963.*

**Fonte:** Acervo da Biblioteca da Escola Parque.

A avaliação realizada envolvia o desempenho do aluno no que se refere às competências técnicas, relativas ao domínio dos procedimentos para a realização das atividades propostas, e comportamentais, concernentes às relações interpessoais e ao controle de si mesmo. A função da Escola Parque era importante no conjunto desse sistema educacional para alcançar o objetivo da educação integral de crianças e jovens de classe popular. Nela, os alunos eram agrupados não por idade, mas por suas preferências. Embora não seja o foco desse trabalho, nem é nosso desejo discorrer sobre avaliação (tema já bem estudado por Perrenoud<sup>8</sup> além de outros teóricos dessa área), achamos proveitoso aqui uma digressão nesse tocante. Na Escola Parque, naquela época, a avaliação já se afastava daquela visão tradicional, centrada apenas no conteúdo, no bom e no mau desempenho dos alunos, tampouco privilegiava os “bons” alunos em detrimento dos “fracos”. A avaliação do C.E.C.R. visionariamente se avizinhava de instrumentos inovadores, isto é, o Centro e seus professores, guiados pelas idéias anisianas e postas em prática por sua irmã, Carmem, soltava as amarras da avaliação tradicional e incentivava critérios formativos: avaliava-se o conteúdo e o trabalho prático, as culturas profissionais. Em outras palavras, não havia um método pronto no qual os alunos eram submetidos a provas e testes orais e escritos. Se, por outro lado,

<sup>8</sup> PERRENOUD, Philippe. **Avaliação:** da excelência à regulação das aprendizagens. Entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

privilegiava esses instrumentos, avançava-se além deles, existia uma cooperação entre os professores e as equipes técnicas, reconhecendo-se que não se aprende sozinho e que certas competências são coletivas, exigem uma forma de cooperação. No mesmo sentido, entretanto com outras palavras, Perrenoud sustenta nossos argumentos:

[...] mais do que nunca, é necessário mudar a avaliação em um sentido mais formal, importa integrar o caráter sistêmico das práticas em nossas estratégias de mudança. Para se opor simultaneamente à avaliação, à didática, à relação dos professores e alunos, aos programas, à organização das turmas e do curso, à seleção, não existe método pronto [...].<sup>9</sup>

Tendo como premissa a educação integral dos discentes e um “novo” modelo avaliativo, o C.E.C.R. buscava alcançar, portanto, objetivos gerais, tais como:

a) Dar aos alunos a oportunidade de maior integração na comunidade escolar, ao realizar atividades que os levam à comunidade com todos os colegas ou com a maioria deles; b) Torná-los conscientes de seus direitos e deveres, preparando-os para atuar como simples cidadãos ou líderes, mas sempre como agentes do progresso social e econômico; c) Desenvolver nos alunos a autonomia, a iniciativa, a responsabilidade, a cooperação, a honestidade, o respeito a si mesmos e aos outros.<sup>10</sup>

### 1.3 Carmem Spínola Teixeira e os princípios da Gestão Democrática

O Centro Educacional Carneiro Ribeiro, com o intuito de resgatar as idéias anisianas concebidas na Gestão de Carmem Spínola Teixeira, que tão bem gerenciou o Centro por vinte e quatro anos, procurando adaptar as idéias à contemporaneidade, mas não deixando de evidenciar os ideais do seu idealizador, voltou-se para os princípios da gestão participativa, termo que, como vimos, naquele período não era propagado na literatura educacional e aqui, gestão participativa deve ser entendida como

A participação da comunidade escolar, incluindo professores, especialistas, pais, alunos, funcionários e gestores da escola, é parte desse esforço, que promove o afastamento das tradições corporativas e clientelistas, prejudiciais à melhoria do ensino, por visarem o atendimento a interesses pessoais e de grupos.<sup>11</sup>

A prática adotada no C.E.C.R. focalizava uma tarefa coletiva, aberta à representatividade e à participação, não centrada apenas no dirigente escolar nem no corpo docente, mas, principalmente, uma gestão direcionada ao aluno, à comunidade, ao funcionário e ao professor, sendo que este último estava em constante formação em serviço e sendo

<sup>9</sup> PERRENOUD, 1990, p. 159.

<sup>10</sup> EBOLI, Terezinha. **Uma experiência de educação integral**. Salvador: IBGE, 1969. p. 20.

<sup>11</sup> LÜCK, Heloísa. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 15.

estimulado a pensar em conjunto, promovendo, por conseguinte, o diálogo entre as disciplinas. Necessária se faz uma digressão para melhor entendermos a importância da gestão democrática para escola de hoje e como ela já nascia nos ideais anisianos.

Essa forma de gerir, e que agora ampliamos, conforme havíamos prometido, tem como pressupostos básicos a autonomia administrativa, pedagógica e financeira da unidade escolar e a criação de mecanismos de efetiva participação na sociedade. Defende os valores da democracia e da prática participativa da tomada de decisões no espaço escolar. De acordo com Vieira,<sup>12</sup> o conceito de administração da educação vem sendo substituído cada vez mais pelo conceito de gestão da educação, o qual assume o conceito de estratégia; mas não como simples troca de nomenclatura e sim como alteração paradigmática intensiva e extensiva. Nesse sentido, e ainda de acordo com o pensamento do autor, o conceito de gestão se torna amplo e abrangente, capaz de integrar em um único e essencial processo, o planejamento educacional, a formulação de políticas educacionais e a sua implementação, que pode ser entendida como a integração do conjunto de ações operacionalizadas no interior das instituições educacionais, partindo dos setores de nível macro até as unidades escolares.

Nos discursos pedagógicos proferidos até pouco tempo atrás, ouvia-se falar em administração escolar como o processo constituído pelas atividades de planejamento, organização, direção, controle e avaliação das ações desenvolvidas no interior da escola. Hoje, devido às constantes mudanças nos campos legal, social, econômico e educacional, o conceito de administração tem sido substituído pela gestão participativa da educação e do espaço escolar, cuja prática envolve necessariamente as mesmas atividades da antiga administração, mas além destas, incorpora também aspectos filosóficos e políticos do fazer pedagógico.

A gestão escolar, portanto, tem como premissa elaborar e coordenar a proposta pedagógica além de acompanhar o seu desenvolvimento, que por sua vez define o perfil ideal de homem e sociedade que deverão ser formados na instituição educativa, diferentemente de propostas empresariais que determinam as demandas do mercado como foco central de seus empreendimentos. Dizendo com outros termos, mas alicerçado no mesmo ponto de vista, Ferreira nos esclarece que

---

<sup>12</sup> VIEIRA, Paulo. Em busca da gestão estratégica da educação: notas para uma ruptura da perspectiva tradicional. *Revista Brasileira de Políticas e Administração da Educação*, Brasília, v. 13, n. 2, p. 247-260, jul./dez. 1997.

Pensar e construir uma escola é, essencialmente, colocar em prática uma concepção política e uma concepção pedagógica que se realimentam e se corporificam na sua Proposta Político-Pedagógica. Concepção política, porque é ela que promove a ação transformadora da sociedade, e concepção pedagógica, porque é ela o substrato da função escolar. A estrutura e os demais meios são estabelecidos e organizados em função desse projeto. Dessa forma, as diversas facetas da gestão têm um foco privilegiado que determina sua finalidade principal (pedagógica) assentadas em ação-ação (pessoal, material, patrimônio, financeira etc.) que viabilizam sua finalidade.<sup>13</sup>

Ainda de acordo com a autora citada, para efetivar a proposta pedagógica, torna-se necessário definir o modelo de gestão que irá promover o perfeito funcionamento dos processos administrativos e pedagógicos que envolvem o espaço escolar. Senão vejamos:

A retomada da constatação óbvia de que a escola tem papel fundamental na formação da cidadania, revela o caráter estratégico de uma gestão para o exercício desta função política e social. No âmbito da escola propriamente-dita, passa-se de uma concepção de administração do cotidiano das relações de ensino-aprendizagem, para a noção de um todo mais amplo, multifacetado, relacionado não apenas a uma comunidade interna, constituída por professores, alunos e funcionários, mas que se articula com as famílias e a comunidade externa.<sup>14</sup>

Ora, a partir do que nos afirma Ferreira, notamos que a gestão democrática configura-se como um processo orientado de forma estratégica para direcionar o trabalho educativo, onde quer que ele ocorra, em qualquer nível e nos aspectos mais práticos para atingir os seus objetivos. Contudo, é no nível escolar que se deve centrar o foco da gestão estratégica da educação, porque é na escola que se concretiza o principal objetivo da educação: o processo ensino-aprendizagem que, por sua vez, deve ser desenvolvido de tal modo que torne o educando um cidadão ativo e participante. De igual modo, pensa Vieira ao afirmar que “a própria educação há que se realizar num ambiente de participação. Daí, a necessidade de que sua gestão se opere pelas vias da participação social”.<sup>15</sup> Fazendo coro à voz desses dois autores e confirmando o mesmo posicionamento, está Teixeira, cujas palavras nos lembram que

A escola é uma comunidade com seus membros, seus interesses, seu governo. Se esse governo não for um modelo de governo democrático, está claro que a escola não formará para a democracia. Diretores, professores e alunos devem organizar-se de forma a que todos participem da tarefa de governo, com a divisão de trabalho que

---

<sup>13</sup> FERREIRA, Naura S. C.; AGUIAR, Márcia Ângela da S. (Orgs.). **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 154.

<sup>14</sup> FERREIRA, 2001, p. 141.

<sup>15</sup> VIEIRA, 1997, p. 249-250.

se revelar mais recomendável. A participação de todos, o sentimento de interesse comum é essencial ao feliz desempenho da missão educativa das escolas.<sup>16</sup>

O que percebemos a partir desses esclarecimentos é que a proposta de gestão até aqui delineada pretende construir uma escola cidadã. Para tanto, é preciso empreender a busca e consolidação de um paradigma sistêmico, comprometido com as especificidades e a natureza do ato pedagógico, em toda a sua complexidade, considerando seu caráter dialético e intersubjetivo. Requer, portanto, o desenvolvimento de novas práticas no espaço escolar, pautadas no binômio da autonomia e da cidadania. É oportuno lembrar que esses modelos de gestão e viés pedagógico, hoje presentes na maioria das escolas, públicas e privadas, já eram o norte que direcionava o pensamento e a práxis do educador baiano Anísio Teixeira.

Ampliando ainda nossas discussões e confirmando, em muito, o que já pensava Teixeira, vemos que hoje a escola é vista como espaço deliberativo coletivo. Tal paradigma recomenda como indicadores fundamentais da autonomia escolar a descentralização do poder, a representatividade social dos conselhos e colegiados, o controle social da gestão educacional, a escolha dos dirigentes escolares por processo de eleição e a inclusão de todos os segmentos da comunidade escolar. Para além de um novo padrão, o modelo de gestão democrática da educação é um recurso de participação humana e de formação para a cidadania, muito embora ainda não tenha sido totalmente incorporado ou mesmo compreendido em sua íntegra.

Mas se esse modelo não foi totalmente efetivado, ao menos já se tem consenso que só esse modelo disponibiliza o espaço escolar e o projeto pedagógico para o serviço da educação integral, que visa à formação do cidadão autônomo, ético, participativo e engajado nas questões sociais. Assim já entendia o educador baiano ao nos dizer que

A escola tem, pois, de se fazer, verdadeiramente, uma comunidade social integrada. A criança aí irá encontrar as atividades de estudo, pelas quais se prepara nas artes propriamente escolares (escola-classe), as atividades de trabalho e de ação organizatória e prática, visando a resultados exteriores e utilitários, estimuladores da iniciativa e da responsabilidade, e ainda atividades de expressão artística e de fruição de pleno e rico exercício de vida [Escola Parque]. Deste modo, praticará na comunidade escolar tudo que na comunidade adulta de amanhã terá de ser: o estudioso, o operário, o artista, o esportista, o cidadão enfim, útil, inteligente, responsável e feliz. Tal escola, não é um suplemento à vida que já leva a criança, mas a experiência da vida que vai levar a criança em uma sociedade em acelerado processo de mudança.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> TEIXEIRA, Anísio. **Educação e o mundo moderno**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1977. p. 210.

<sup>17</sup> TEIXEIRA, 1977, p. 131.

Anísio Teixeira nos fala claramente que a inserção neste processo requer, entre outras coisas, que os educadores abracem uma posição de aprendizes e que substituam as relações hierarquizadas e autoritárias preexistentes na escola por relações horizontais e de igualdade, criando espaço para a criatividade, a troca e o diálogo. Além disso, será necessário que ocorra uma mudança organizacional. Assim também pensa Kátia Freitas, ao afirmar que

Mudanças organizacionais envolvem pessoas com elevada auto-estima, respeito ao próximo, assim como competência científica e técnica. Sem esses elementos, as mudanças dificilmente ocorrerão. O exercício da autonomia e do planejamento participativo na escola exige mudança de comportamento e comunicação clara e aberta entre todos os componentes das comunidades escolar e global.<sup>18</sup>

Em outro termo, a gestão escolar é um processo de extrema responsabilidade, pois é a partir dela que ocorre a concepção e execução da proposta pedagógica, garantindo o cumprimento da função social da escola, o que definirá os rumos da vida futura de todos os seus atores. Pensar na gestão, portanto, ultrapassa as fronteiras do formalismo burocrático administrativo e passa, a partir de então, a envolver o fazer, o saber e o sentir da comunidade escolar e da comunidade local. Resignificar a gestão da educação é compreendê-la a partir das deliberações atuais de uma realidade sócio-cultural que exige a formação de um novo homem, portanto de uma nova educação pautada na construção democrática de uma sociedade mundial solidária.

Isso demonstra não só a necessidade, mas a urgência de efetivar uma escola que oportunize a educação integral do educando, que possua um projeto pedagógico que prime pela qualidade, no qual o ensino básico tenha uma finalidade cultural e abranja todas as crianças.

A educação comum a todas as crianças pelo maior tempo possível, a ampliação de facilidades educativas para os alunos talentosos, a variedade e flexibilidade dos sistemas educativos para atender às diferenças de capacidade e interesses foram bandeiras erguidas pós-Anísio Teixeira, amplamente defendidas em suas obras e na gestão democrática de sua irmã, Carmem Spínola Teixeira, ao dirigir o C.E.C.R. À frente do Centro, e direcionada pelo pensamento do irmão, Carmem Teixeira pôs em prática a concepção educativa na qual a aliança entre a gestão democrática escolar e a concepção de educação integral passou da “utopia” à realidade concreta da práxis pedagógica anisiana.

---

<sup>18</sup> FREITAS, Kátia S. de. Quem foi Anísio Teixeira? **Revista da Bahia**, Salvador, v. 32, n. 31, jul. 2000, p. 52.

Feita essa digressão, longa, mas necessária, podemos demonstrar que o C.E.C.R. nasceu e se desenvolveu atendendo às mais inovadoras práticas educacionais e de gestão democrática. Entretanto, ao longo das décadas, esta proposta foi sendo exaurida de seus propósitos. A insuficiência de verbas para a assistência ao aluno e para a manutenção física do Centro contribuiu decisivamente para minar o bom andamento dos trabalhos realizados nos diversos âmbitos da Escola Parque e nas Escolas-Classe. Entre os anos de 1971 e 1974, a Escola Parque e as Escolas-Classe enfrentaram seu período de maior agrura. Nesse momento, o sistema educativo passa a se centralizar cada vez mais. Ou seja, o universo educacional pensado e executado por Anísio apontava para uma íntima relação entre a escola e a sociedade. Entretanto, essa vinculação – escola e comunidade – durou pouco. A Ditadura Militar instalada e operante no país contribuiu, e muito, para seu desmantelamento, para sua falta de autonomia e para a dependência do Estado.

É lícito afirmarmos que, sem sua devida autonomia, engessada pela burocracia estatal, pela centralização política e administrativa, além do controle político-administrativo, a escola começou a ruir, não apenas seus espaços físicos, mas também os ideais educacionais anisianos. A esse respeito, vale lembrar o que nos alerta Lima

A tradicional centralização política e administrativa e o correspondente controle político-administrativo da escola, sem tradição de autonomia, configuram um “centralismo educativo” [...] que todos atacam [...] mas que tem resistido obstinadamente mesmo aos propósitos reformistas dos seus responsáveis políticos. [...] A administração centralizada do sistema de ensino é ainda percebida como burocrática no sentido em que é gigantesca e inflexível, irracional e incoerente, ineficaz, ineficiente, etc.<sup>19</sup>

Burocratizada, emperrada pela política, a escola não resistiu às intempéries político-administrativas. Tal situação levou à saída de sua mais antiga gestora, Carmem Spínola, cujo nome e forças estiveram à frente da gestão no período de 1950 a 1974. Confirma nossas afirmações Bastos, ao afiançar que “o Centro assistiu a desagregação, seus valores se perderam, instalados incertezas e sua descaracterização física e pedagógica”.<sup>20</sup> Em 1998, o Centro Educacional foi caracterizado como escola que atendia a alunos do curso de Aceleração, utilizando apenas alguns pavilhões, e os demais passaram a ser fechados e deteriorados pelo tempo.

<sup>19</sup> LIMA, Licínio C. **A escola como organização educativa**. São Paulo: Cortez. 2001. p. 37.

<sup>20</sup> BASTOS, 2000, p. 53.

Para melhor vislumbrar a decadência enfrentada pela Escola Parque e lastrear o que nos afiança Bastos, acrescentamos trechos de uma entrevista concedida ao autor desse trabalho pelo Sr. José Mendes de Oliveira,<sup>21</sup> funcionário do Centro, um dos mais antigos e ainda hoje colaborando no C.E.C.R. Vamos ouvi-lo:

O C.E.C.R. enfrentou muitas dificuldades nesse período (o da ditadura). Exemplo disso foi a gestão da professora Raidalva Moreira Barreto<sup>22</sup> que aqui chegou para “reformatar” a escola. Havia bastante professores e poucos alunos. A escola tava um caos terrível. [...] Ela convidou gente da comunidade e colocou o pessoal do Anísio Teixeira e outras escolas pra poder a gente ter número de alunos e que naquela época não poderia, só poderia ser pessoal do centro, nem as escolas do Estado não poderia. Então ela fez este trabalho aqui com a gente, depois criou o curso de aceleração aqui dentro que foi no setor de informática, mas foi na época da reforma. Então não poderia ficar, tinha que desocupar, porque a reforma era geral. A gente ficou sem saber pra onde colocar os alunos que a gente tinha aqui. Então se fez um trabalho, um convênio com a Igreja daqui e teve aluno de manhã, de tarde e de noite, colocou a sala à disposição da gente, o Estado colocou cadeiras e o outro grupo de alunos foi pro colégio Luiz Cabral. Criou-se a aceleração. Poucos professores do C.E.C.R. permaneceram aqui, mais ou menos uns dez professores. Os anos de 1988 a 2002 foram os anos do fim da Escola Parque. A escola passou a ser... funcionar como escola de aceleração e também havia um curso de cerâmica, mas só com 10 professores. [...] Dentro da escola toda com 42 mil metros quadrados, só com 10 professores. Nesse período, a falência total foi encontrada pela professora Raidalva.

Durante o período do regime militar, o projeto pedagógico do C.E.C.R., eminentemente de caráter popular e voltado para a inclusão social, foi abandonado e suas instalações sofreram considerável degradação, passando o Centro a funcionar como uma escola regular de Ensino Médio. As intervenções sofridas resultaram em modificações no projeto original, preconizado por Anísio Teixeira, o que gerou algumas polêmicas e críticas por parte da sociedade baiana. Essas críticas serviram para que, com a eleição do Ex. Sr. Valdir Pires para o governo da Bahia, e com a gestão da escola a cargo da professora Regina

<sup>21</sup> José Mendes de Oliveira é ex-aluno e ex-administrador do C.E.C.R. Já trabalhou, junto aos alunos, como professor da disciplina Entalhamento em Madeiras. Atualmente, oferta essa mesma disciplina para os pais de alunos.

<sup>22</sup> Aqui cabe destacar os diversos gestores que passaram pelo C.E.C.R., compreendendo o período de 1950 até a presente data.

	NOME	ANO DE PERMANÊNCIA
<b>01</b>	Carmem Spínola Teixeira	1950 a 1974
<b>02</b>	Jacy Correia	1974 a 1979
<b>03</b>	Hermano Gouveia	1979 a 1982
<b>04</b>	Raphael Domittilio da Costa Filho	1981 a 1982
<b>05</b>	Raimilda Marques Serra	1984 a 1986
<b>06</b>	Regina Robatto	1986 a 1990
<b>07</b>	Rivanda Santos	1990 a 1995
<b>08</b>	Lourdes José Rabello	1995 a 1998
<b>09</b>	Raidalva Moreira Barreto	1998 a 2002
<b>10</b>	Gedean Ribeiro do Nascimento	2002 a 2009

Robatto, a Escola Parque presenciase uma tentativa de soerguê-la. Aqui também chamamos o testemunho precioso do Sr. Mendes:

Valdir Pires revitalizou a Escola Parque. Inclusive aqui podia ser feito melhor trabalho porque tinha verba pra tudo. Tinha verba pra tudo em termos de alimentação. O que o professor precisasse pro trabalho tinha dinheiro. Então teve umas coisas que machucou muita gente, porque aqui era contratado até gente pra limpar carne, porque tinha carne de primeira e de segunda. Isso não precisava e outras coisas... Teve esses pequenos problemas, mas não houve uma administração para gerenciar e resgatar o nome de Anísio e a proposta dele.



*Foto do Núcleo de Alimentação e de Jardinagem em 1998.*

**Fonte:** Acervo da Biblioteca da Escola Parque.

#### **1.4 A Constituição Federal do Brasil de 1988 e o gerenciamento do C.E.C.R. 1950 a 1974**

Os períodos de autoritarismo, de exceção e de falta de luz são longos, já nos demonstrou a história. E esse período de abandono e de retrocesso que acometeu o C.E.C.R. foi também longo e perverso, mas não foi forte o suficiente para apagar os ideais de educação propostos por Anísio Teixeira. Lembremos que a escuridão é mais densa próxima do alvorecer, mas essa escuridão é sinal de que o alvorecer se anuncia e dissipará as trevas. E assim foi.

A Constituição Federal do Brasil,<sup>23</sup> promulgada em 05 de outubro de 1988, trouxe possibilidades de luzes/mudanças para a educação e sua gestão. Com relação à questão da democratização e à descentralização do ensino, apresentava as seguintes determinações:

<sup>23</sup> PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 05 out. 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 17 abr. 2009.

Art. 206 – O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios [...] VI – Gestão democrática do ensino público, na forma da lei.  
No que tange especificamente à descentralização, cria os Sistemas Municipais de Ensino;

-----  
Art. 211 – A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão em regime de colaboração seus sistemas de ensino.<sup>24</sup>

Mais recentemente, outras luzes e outras mudanças surgiram no cenário educacional brasileiro. A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional,<sup>25</sup> promulgada em 20 de dezembro de 1996, também se expressa como forma de legitimação da proposta de democratização do ensino:

Art. 14 – Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II – participação das comunidades escolares e locais em conselhos escolares equivalentes.

Art. 15. Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas gerais de direito financeiro público.<sup>26</sup>

Comparando as duas Cartas Magnas, a nacional e a baiana, Novaes<sup>27</sup> nos diz que, no tocante à questão da democratização da gestão da educação, a Constituição do Estado da Bahia foi mais detalhada que a Constituição Federal, definindo a funções do Conselho Estadual de Educação e criando os Colegiados Escolares, conforme podemos verificar no artigo que segue:

Art. 249 – A gestão do ensino público será exercida de forma democrática, garantindo-se a representação de todos os segmentos envolvidos na ação educativa, na concepção, execução, controle e avaliação dos processos administrativos pedagógicos.

1º - A gestão democrática será assegurada através dos seguintes mecanismos:

I – Conselho Estadual de Educação

II – Colegiados Escolares.

[...] & 2º - O Conselho Estadual de Educação, órgão representativo da sociedade na gestão democrática do sistema estadual de ensino, com autonomia técnica e funcional, terá funções deliberativas, normativas, fiscalizadoras e consultivas.

<sup>24</sup> PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 1988, Art. 206, 211.

<sup>25</sup> REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: <ftp://ftp.fn.de.gov.br/web/siope\_web/lei\_n9394\_20121996.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2009.

<sup>26</sup> REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1996, Art. 14, 15.

<sup>27</sup> NOVAK, J. M. **Democratic teacher education: programs, processes, problems and prospects**. New York: State University of New York, 1994.

[...] & 3º - A Lei definirá as competências e a composição do Conselho Estadual de Educação e dos Colegiados Escolares.<sup>28</sup>

Entretanto, embora tenha sido mais minuciosa em relação à democratização da gestão, a Constituição Estadual não assegurou as eleições diretas para diretores e vice-diretores<sup>29</sup> propostas pelos professores, o que causou desapontamentos aos educadores e a sociedade civil organizada, mas, ainda assim, a Associação dos Professores Licenciados da Bahia (APLB) considerou a Carta Constitucional Baiana como um avanço em termos de democratização da educação, porque esta estabeleceu um suporte legal para o desenvolvimento de uma gestão participativa da sociedade no Conselho Estadual de Educação e nos Colegiados Escolares

Muito embora a gestão democrática escolar, hoje, não se limite à simples eleição do diretor da escola pela comunidade, esse novo modelo tem se estruturado também através da criação dos colegiados/conselhos escolares, com função deliberativa e/ou consultiva e da transferência de recursos para as escolas, para que estas os apliquem onde e quando proceder.<sup>30</sup> Segundo Freitas, começa-se a discutir a importância da preparação de diretores escolares que incentivem a participação das comunidades escolares e local, e atendam à legislação vigente.<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. **Constituição do Estado da Bahia**. Salvador, 05 out. 1989. Art. 249. Disponível em: <<http://www.direito.adv.br/constitu.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2009.

<sup>29</sup> A eleição direta para diretores e vice-diretores nas escolas públicas estaduais baianas se efetivou muito recentemente, no ano de 2008. Entretanto, houve escolas que não lançaram chapa para concorrer à eleição de diretor. A saída encontrada para esses casos foi a manutenção de indicação política para ocupar esses cargos. Também é preciso ressaltar que algumas escolas ditas “especiais” – porque não possuem censo escolar – tiveram seus diretores nomeados pelo Secretário de Educação.

<sup>30</sup> A este respeito, ver PESSOA, Carlos Magno. **O papel do colegiado escolar no processo de democratização da gestão**: um estudo de caso no Colégio Estadual José Malta Maia. 2009. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2009.

<sup>31</sup> FREITAS, 2000, p. 48.

## 2 O ADVENTO DO CENTENÁRIO DE ANÍSIO TEIXEIRA



*Anísio Teixeira, 1950.*

**Fonte:** Acervo da Biblioteca da Escola Parque.

As conquistas para a educação efetivadas tanto pela Constituição de 1988 e também ampliadas, no campo regional, com a Carta Magna baiana, serviram para retirar as pedras “no meio do caminho” do C.E.C.R. e, com a proximidade do advento do centenário de Anísio Teixeira, em 2000, conspiraram positivamente para que “o amanhã distante” se concretizasse em “um novo dia ensolarado”.

A escola foi totalmente fechada para reforma e, em 28 de fevereiro de 2002, foi revitalizada e reinaugurada, com o intuito de resgatar a educação integral, através de uma gestão participativa, onde nenhuma deliberação fosse tomada isoladamente, respeitando os ideais anisianos. Em âmbito nacional, diversas foram as lembranças e homenagens. Hoje, cem anos depois de seu nascimento, reconhecemos todos que Anísio Teixeira é um dos grandes expoentes do movimento renovador educacional brasileiro. Sua obra, marco de uma nova

concepção de educação, foi geradora de uma filosofia educacional revolucionária entre os anos de 1920 e 1960, que perdura até hoje. Anísio Teixeira elaborou e implantou o Plano de Construção Escolar de Brasília e foi um dos mentores e reitores da Universidade de Brasília – UnB. Na conferência Anísio Teixeira: a Poesia da Ação, Clarice Nunes assim refere-se a sua obra:

A obra de Anísio Teixeira é um convite para que resgatemos o sentido da qualidade da educação no que tem de substantivo, ou seja, enquanto conjunto de transformações sociais que visam eliminar privilégios, hierarquias e desigualdades, o que se faz decisivo e urgente, na medida em que face menos explícita da autonomia que a escola brasileira hoje goza quanto ao seu projeto pedagógico, garantida pela Lei de Diretrizes e Bases (1996), é a que institui os estabelecimentos de ensino como alvo de concorrência e escolha dos pais.<sup>32</sup>

Outro estudioso, ao lembrar de sua importância como educador, assim se refere ao mestre baiano:

A história de Anísio Teixeira, e todo o seu movimento para a concretização das suas idéias, constituem um verdadeiro exemplo para a humanidade e para os educadores. Praticava a reflexão pela ação, construindo, na prática, toda uma filosofia que deixou profundas marcas e grandes contribuições para a civilização, em todos os postos ocupados na área de educação.<sup>33</sup>

A Associação de Arte Educadora do Distrito Federal encaminhou processo solicitando que o Ideário Pedagógico de Anísio Teixeira fosse instituído como bem Cultural do Distrito Federal. O processo instruído pela Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico – DEPHA, da Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal, resultou no Decreto de n. 28.093, assinado em quatro de julho de 2007 e publicado no Diário Oficial do Distrito Federal de 05 de julho de 2007.<sup>34</sup> Esse mais recente reconhecimento representa apenas uma, dentre as muitas homenagens recebidas por Anísio Teixeira ao longo de sua trajetória e também pós-morte.

Mas, para nós, os reconhecimentos de maior relevo são aqueles que mantêm relação direta com a Escola Parque de Salvador, entre os quais, o reconhecimento pela UNESCO, como instituição de ensino pioneira, de referência internacional, e o tombamento do conjunto arquitetônico da Escola Parque, que se constitui em um dos mais significativos exemplos da

<sup>32</sup> NUNES, Clarice. **Escola & dependência**: o ensino secundário e a manutenção da ordem. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980. p. 19.

<sup>33</sup> CORDEIRO, 2001, p. 1.

<sup>34</sup> GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **Decreto n. 28.093**. Brasília, 04 jul. 2007. Disponível em: <<http://sileg.sga.df.gov.br/default.asp?arquivo=http%3A//sileg.sga.df.gov.br/legislacao/distrital/decretos/Decretos%25202007/index26.html>>. Acesso em: 17 abr. 2009.

arquitetura e pintura modernista da Bahia, tombada como monumento histórico, pelo Governo Estadual, através do Decreto n. 28.398 publicado no Diário Oficial em 10 de novembro de 1981.<sup>35</sup>

Mas retomando as comemorações que marcaram o centenário de Anísio Teixeira e as realizações operadas pelo governo estadual, visando resgatar a Escola Parque e os ideais educacionais anisianos, lembrávamos que o “novo” projeto foi idealizado pelo Governo do Estado da Bahia, estando governador o Excelentíssimo Senhor Paulo Ganem Souto e tendo como secretário de Educação o Excelentíssimo Senhor Eraldo Tinôco. Um novo gestor foi convocado para gerir o Centro e, principalmente, resgatar a educação integral proposta por Anísio Teixeira.

Assim, a partir das intervenções estruturais operadas no conjunto da escola e no resgate de seus ideais de educação, o C.E.C.R. busca se constituir numa imagem viva em prol dos benefícios da educação integral, tendo como parâmetro o modelo de escola e de gestão idealizado por Anísio Teixeira. Hoje, ano de 2009, como antes, a sede administrativa encontra-se localizada na Escola Parque, à Rua Saldanha Marinho, 134, no bairro da Caixa D’água, na cidade do Salvador. A matrícula do ano de 2009 aponta um contingente próximo a 4.000 alunos, em sua grande maioria, oriundos do bairro da Liberdade e adjacências – Pero Vaz, Caixa D’água, Pau Miúdo e IAPI – distribuídos pelas quatro escolas-classe e mais o Colégio Estadual Álvaro Augusto Silva, criado através da portaria 4039/85, publicado no Diário Oficial do Estado da Bahia, em 29 de março de 1985 e integrado ao C.E.C.R. no ano de 2004, que oferece Ensino Fundamental – 5ª a 8ª séries – e Ensino Médio.

Hoje, as referidas escolas funcionam em três turnos: matutino, vespertino e noturno, oferecendo os níveis de Ensino Fundamental I – 1ª a 4ª séries; Fundamental II – 5ª a 8ª séries; e Ensino Médio, enquanto que a Escola Parque (sede) funciona apenas nos turnos matutino e vespertino,<sup>36</sup> completando o tempo integral de educação do alunado, no contra-turno, através de Oficinas e outros recursos sócio-educativos. O centro oferece ainda Educação de Jovens e

---

<sup>35</sup> GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. **Decreto n. 28.398**. Salvador, 10 nov. 1981. Disponível em: <[www.ipac.ba.gov.br/site/conteudo/uploads/file/Lista\\_de\\_Bens\\_Tombados.doc](http://www.ipac.ba.gov.br/site/conteudo/uploads/file/Lista_de_Bens_Tombados.doc)>. Acesso em: 17 abr. 2009.

<sup>36</sup> Em 2009, por solicitação da comunidade, a escola passou a funcionar no turno noturno visando a atender às necessidades da comunidade, ofertando projetos de cunho social e formativo, a exemplo de Atendimento Jurídico, cursos profissionalizantes nas mais diversas áreas, acompanhamento físico para a terceira idade, curso básico de língua estrangeira (Língua Inglesa) e matemática para concursos. Abrindo seus portões à noite, a escola reforça e contempla sua proposta de Educação Integral, pensada por seu idealizador. Cabe ainda ressaltar que todos os alunos matriculados no período noturno têm os mesmos direitos dos alunos ditos regulares dos outros turnos. Assim, pais e filhos convivem no mesmo espaço escolar, ensinam e aprendem, e fazem do C.E.C.R. uma escola verdadeiramente popular.

Adultos e, também, Educação Especial, esta última realizada através do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S-BA) implantado oficialmente em fevereiro de 2006, com capacidade para atendimento a 60 educandos com Altas Habilidades/Superdotação, ou que estejam apresentando tais comportamentos, oriundos das escolas da rede pública e privada, matriculados nos diversos níveis de ensino, inclusive na educação precoce. As quatro Escolas-Classe, concebidas no ato de criação do Centro e criadas através do Decreto 20645, publicado no Diário Oficial de 14 de abril de 1968, estão situadas num raio aproximado de 1,5 km de distância da Escola Parque, contendo 12 salas de aula cada uma, e são responsáveis pela construção do conhecimento básico do alunado.

É importante ressaltar que a Escola Parque oferece vivências através de seus núcleos, os quais possibilitam uma ressignificação e complementação das disciplinas curriculares oferecidas no núcleo comum das Escolas-Classe, os quais serão apresentados a seguir.

## 2.1 Núcleo de Informação, Comunicação e Conhecimento



*Núcleo de Informação e Conhecimento: Oficina de Leitura e Escrita, out. 2008.*

**Fonte:** Acervo da Biblioteca da Escola Parque.

O Núcleo de Informação, Comunicação e Conhecimento tem como foco o estabelecimento de relação e inter-relação entre os recursos tecnológicos, as produções humanas e as articulações provenientes da leitura, pesquisa, escrita, raciocínio lógico e intercâmbio com outras línguas, possibilitando aos sujeitos elaborar e reelaborar conceitos, procedimentos e atitudes a partir do vivenciado, experienciado e construído. Como nos lembra Pierre Lévy,<sup>37</sup> novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. Por isso, esse núcleo objetiva também, mesmo que minimamente, fazer com que os alunos participem ativamente das transformações que ocorrem no mundo do ensinar e aprender e tomem conhecimento das diversas conquistas científicas, artísticas e tecnológicas que se operam no mundo, desde há muito. Em vez do distanciamento da máquina – computador – o referido núcleo se propõe a integrar o audiovisual, a informática e a internet a suas vidas escolares e cotidianas, e, principalmente ao interlocutor desses saberes, que é o professor. Em nossas experiências, os alunos que há séculos conviveram com a didática baseada no monopólio da voz do professor, no falar/ditar do mestre, têm sido instigados a valorizar essas novas formas de ensinar/aprender. Em resumo, pretende-se com esse núcleo chegar ao que Lévy denominou de “hipertexto”, ou seja, fazer com que os diversos saberes se interconectem, entrelacem-se e os saberes produzidos dentro e fora da escola dialoguem entre si, convivam harmoniosamente.<sup>38</sup> O Núcleo de Informação é constituído de: coordenação; professores habilitados em Língua Portuguesa, Língua Espanhola, Língua Inglesa, Língua Francesa e Matemática; e pessoal de apoio. Nele, são desenvolvidas as seguintes atividades:

- Leitura e produção de texto;
- Raciocínio lógico matemático;
- Língua estrangeira: Inglês, Francês e Espanhol;
- Informática Educativa;
- Arte de contar história;
- Manutenção de Micro.

---

<sup>37</sup> LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

<sup>38</sup> Melhor detalhamento do conceito de hipertexto e das novas tecnologias que chegam à escola consultar LÉVY, 1993.

## 2.2 Núcleo de Leitura e Pesquisa



Foto do Núcleo de Leitura e Pesquisa em 2004.

Fonte: Acervo da Biblioteca da Escola Parque.

Os educandos vivenciam no núcleo “Carmem Teixeira” atividades de pesquisa, as quais visam dar suporte teórico no que tange aos assuntos relacionados aos conteúdos trabalhados em sala de aula, *aperfeiçoando*, assim, o seu senso crítico e reflexivo tanto sobre leitura – de mundo e de livros – quanto sobre assuntos referentes a sua realidade e aspectos da atualidade. Parodiando Paulo Freire, “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.<sup>39</sup> Se assim o é, esse núcleo objetiva fazer com que pessoas, homens e mulheres, leitores (as) se estimulem, em comunhão, à pesquisa, à leitura, à descoberta do mundo e das letras. Incitados por esses homens e mulheres eles, os educandos e educadores, certamente, tal qual Sherazade, terão suas vidas “salvas” pelo ato de ler e contar histórias, não por 1001 noites, mas por toda uma vida. Serão crianças e jovens que tal como Clarice Lispector, menina do Recife, dormirão e acordarão com as Reinações de Narizinho. O núcleo deseja verdadeiramente não apenas auxiliar os alunos e alunas a tirar dúvidas de determinadas matérias, auxiliar na

---

<sup>39</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 39.

resolução de exercícios, mas, sobretudo, contribuir na formação de leitores, tão poucos em nossas escolas, em nosso país. Deseja também socializar e não rivalizar computadores e livros, mas fazer desses suportes meios prazerosos de descoberta de leitura, de descoberta de mundo, de ampliação de horizontes. Esse núcleo é constituído de: coordenadora; professores habilitados em Língua Portuguesa e História; e pessoal de apoio. As atividades desenvolvidas nele são:

- Clube de Leitura;
- Orientação à pesquisa;
- Orientação aos exercícios dos educandos;
- Espaço Temático.

### 2.3 Núcleo de Pluralidade Artística e Conhecimento

O Núcleo de Pluralidade Artística e Conhecimento desenvolve atividades artísticas que possibilitam ao educando vivenciar e experienciar novas formas de compreender o mundo, expressando através da linguagem teatral, musical e gestual o que fora significativo para seu processo de inserção no mundo contemporâneo, potencializando suas habilidades através de situações sociais significativas e prazerosas para o processo ensino-aprendizagem. A arte, assim como o jogo, é, como sabemos, manifestação fundadora da sociedade humana. Acompanha-nos desde nossas mais distantes origens até a fase de civilização que ora vivemos. Artes, jogos, danças e músicas são instrumentos poderosos de comunicação entre os homens. Além de divertir, comunicam e ensinam ou, como nos lembra Huizinga, tais manifestações estão fora da realidade quotidiana e têm uma função vital na sociedade humana.<sup>40</sup> Além disso, o conhecimento da arte proporciona aos alunos do C.E.C.R., mas não apenas a estes, novos caminhos, novas perspectivas para a compreensão do mundo. Quem bem define a importância de oportunizar aos educandos acesso a essas “novas” formas de compreender o mundo é Denise Santos, ao nos asseverar que

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e das formas, dos gestos e das luzes que buscam o sentido. Sendo assim, é muito importante a escola apropriar-se dessa grande aliada e transformá-la em possibilidade de crescimento para alunos e professores.<sup>41</sup>

<sup>40</sup> HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

<sup>41</sup> SANTOS, Denise. **Orientações didáticas em arte educação**. Belo Horizonte: C/Arte, 2002. p. 9.

Na mesma percepção de Santos, está Marina Dias, ao afirmar que

A arte, como parte da cultura, é um dos grandes patrimônios da humanidade, ao qual todos os homens deveriam ter acesso para se nutrir cognitivamente e espiritualmente, ampliando suas possibilidades de pensamento e de ação no mundo, enriquecendo o espaço imaginativo e simbólico, capazes de alargar e flexibilizar o pensamento racional.<sup>42</sup>



Foto de Apresentação do Núcleo Artístico.

Fonte: Blog do NUPA

Portanto, as artes desenvolvidas no referido núcleo ampliam, nas crianças e jovens, o senso crítico, estético, artístico e suas habilidades manuais. O núcleo é constituído de: coordenação; professores habilitados em Artes, Dança, Teatro e Música; e pessoal de apoio. Nele, são desenvolvidas as atividades a seguir:

- Banda de Música;
- Dança;
- Coral;

---

<sup>42</sup> DIAS, Marina Célia Moraes. Metáfora e pensamento: considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré-escolar. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 53.

- Música;
- Teatro;
- Percussão;
- Instrumento de sopro;
- Piano;
- Fanfarra.

## 2.4 Núcleo de Pluralidade Esportiva e Conhecimento

“O jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana”, assim trata Johan Huizinga, em seu famoso livro *Homo Ludens*, acerca do jogo.<sup>43</sup> Para o referido e já citado autor, o jogo deve ser visto e tratado como forma significante, lúdica e, sobretudo, pela sua função social. E ele vai além, ao afirmar que o jogo é um dos elementos espirituais básicos da vida. Aqui, valemos da voz do próprio autor:

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhando de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana”.<sup>44</sup>

Assim sendo, as modalidades esportivas desenvolvidas no Núcleo de Pluralidade Esportiva não têm como intenção potencializar a competição no âmbito do processo educativo, mas garantir o seu caráter lúdico. Pressupõe ainda ampliar a relação dialógica, socializante entre os adolescentes e desenvolver o imaginário e fortalecer a formação de conceitos. Fazê-los lembrar do cuidado histórico que norteia a humanidade sobre o corpo, a saúde e a utilização adequada de modalidade esportiva que prolongue a qualidade de vida e o culto positivo ao corpo e à mente. As atividades desse núcleo são vivenciadas pelos educandos não para que eles se transformem em esportistas profissionais, mas para potencializar suas habilidades, aguçar sua sensibilidade através de situações sociais significativas e prazerosas. Assim, tais atividades contribuirão também para o processo de ensino-aprendizagem. O Núcleo é constituído por: coordenação; professores habilitados em Educação Física e técnico em enfermagem; e pessoal de apoio. As modalidades esportivas oferecidas são:

---

<sup>43</sup> HUIZINGA, 1999, p. 3.

<sup>44</sup> HUIZINGA, 1999, p. 33.

- Atletismo;
- Basquete;
- Capoeira;
- Futsal;
- Ginástica Artística;
- Ginástica Rítmica;
- Handebol;
- Karatê;
- Vôlei;
- Xadrez.



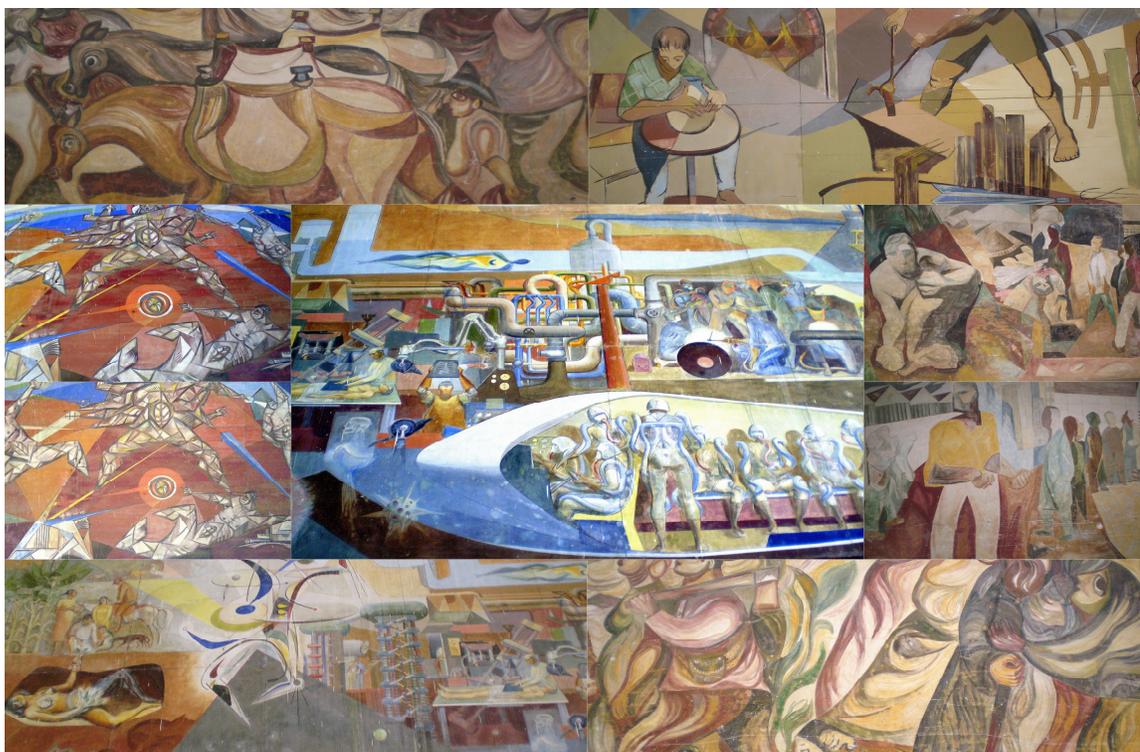
Atividades do Núcleo de Pluralidade Esportiva, 2008.

**Fonte:** Acervo da Biblioteca da Escola Parque.

## 2.5 Núcleo de Artes Visuais

Como já dissemos, a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais. Expressar sentimentos, idéias, percepções, criar e ensinar foram maneiras que o ser humano encontrou para ensinar, aprender e transformar sua existência e seu entorno. As artes visuais estiveram presentes em nossas escolas desde a chegada da Missão francesa ao país e se firmou com as disciplinas “Desenhos” e “Trabalhos Manuais” no século XIX, embora se

pontuassem sempre por uma visão utilitarista e imediatista. Somente no século XX, com as tendências da Escola Nova, é que o ensino da arte se voltou para o desenvolvimento natural da criança. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1971,<sup>45</sup> a arte foi incluída como Educação Artística e considerada não como disciplina, mas como uma atividade educativa, o que representou um avanço já que estabeleceu uma relação entre a arte e a formação do indivíduo. A ênfase se concentrava no desenvolvimento do prazer, do conhecer e do fazer artístico. Hoje os Parâmetros Curriculares Nacionais enfocam a arte como área de conhecimento, reconhecendo, portanto, sua importância para a formação acadêmica e pessoal do aluno.



Mosaico dos Painéis, 13 abr. 2009.

**Fonte:** Núcleo de Artes Visuais.

Imperioso que façamos uma digressão para demonstrar a importância das Artes Visuais para o C.E.C.R. e seu idealizador Anísio Teixeira. Como um dos precursores da Escola Nova, ele incluiu no então chamado “Setor de Trabalho” – hoje o setor é denominado de Núcleo de Artes Visuais – as artes visuais como a artéria principal do seu querido Centro.

<sup>45</sup> REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 5.692. Brasília, 11 ago. 1971. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/15692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/15692.htm)>. Acesso em: 17 abr. 2009.

Para alegrar o setor, convidou artistas plásticos renomados – Maria Célia Amado, Mário Cravo e Caribé – para produzirem três grandes painéis. Dois afrescos completam o embelezamento do referido setor, os quais foram confeccionados por Carlos Magano e Jenner Augusto como demonstramos no mosaico acima.<sup>46</sup>

Mais que um homem sensível, Anísio já percebia a relação entre a arte e a formação do indivíduo. As referidas obras são tombadas pelo Instituto de patrimônio Artístico e Cultural da Bahia e são visitadas e analisadas por estudantes de belas-artes e estudiosos dos artistas.

Feita a digressão, longa, mas necessária, hoje os educandos vivenciam as atividades no Núcleo de Artes Visuais não para serem profissionais, mas para potencializar suas habilidades através de situações sociais significativas e prazerosas para o processo de ensino-aprendizagem, ampliando seu valor estético, artístico e manual. Neste instante, é oportuno ressaltar que, através de atividades artísticas, o aluno ressignifica sua auto-estima, amplia sua capacidade de criar e desenvolver uma visão cosmológica sobre sua comunidade, expressando sua compreensão e apropriação do saber através do vivenciado, experienciado e construído.



Núcleo de Artes visuais: Oficina de Cartonagem, nov. 2008.

Fonte: Acervo da Biblioteca da Escola Parque.

<sup>46</sup> Os Painéis e os Afrescos, devido ao tempo, estão praticamente corroídos, precisando interferência imediata da Secretaria de Educação e Secretaria de Cultura, a fim de recuperá-los, por se tratar de um patrimônio da humanidade.

Dessa forma, as exposições de artes efetivadas pelo Núcleo explicitam a acolhida do educando no seu processo de construção e representação simbólica, a partir da linguagem artística e cidadã que perpassa e tangencia toda práxis pedagógica. Vale ressaltar que todos os trabalhos confeccionados pelos alunos são expostos, uma vez que se objetiva desenvolver a capacidade criativa do aluno e não se valoriza o chamado “belo”. O Núcleo de Artes Visuais é constituído de: coordenação; professores habilitados em Artes; e pessoal de apoio. As atividades desenvolvidas são:

- Artesanato;
- Artes Plásticas;
- Biscuit;
- Cerâmica;
- Cartonagem;
- Corte e Costura;
- Fotografia;
- Madeira;
- Metal;
- Tecelagem.

## 2.6 Núcleo de Jardinagem



Núcleo de Jardinagem: Curso de Jardinagem e Paisagismo oferecido para Comunidade, mai. 2008.  
**Fonte:** Acervo da Biblioteca da Escola Parque.

As atividades do Núcleo de Jardinagem, vivenciadas pelos educandos, potencializam suas habilidades através de situações sociais significativas e prazerosas para o processo ensino-aprendizagem, desenvolvendo seu senso crítico, estético, artístico e cuidado com a natureza e com a sociedade. Dessa forma, as vivências de jardinagem valorizam a natureza como uma fonte significativa para garantir um equilíbrio entre as relações humanas e a harmonia necessária para a preservação da vida no planeta e da sua comunidade. O referido Núcleo é constituído de: coordenação; professores habilitados em Biologia; e pessoal de apoio. As atividades desenvolvidas são:

- Jardinagem;
- Horticultura;
- Ciências Vivas.

## 2.7 Núcleo de Alimentação



Foto do Núcleo de Alimentação, abr. 2007.

**Fonte:** Acervo do Núcleo de Alimentação.

Os educandos vivenciam as atividades do Núcleo de Alimentação não para serem profissionais, mas para potencializar suas habilidades através de situações sociais

significativas e prazerosas para o processo ensino-aprendizagem, desenvolvendo seu senso crítico, estético, artístico e manual. Este núcleo é constituído de: coordenação; professores habilitados em Arte, Nutricionista (com especialidades em arte culinária), padeiros e merendeiras; e pessoal de apoio. As atividades desenvolvidas são:

- Padaria;
- Confeitaria.

## 2.8 Núcleo de Projetos Especiais

O Centro Educacional Carneiro Ribeiro – Escola Parque busca manter acesa a filosofia do educador Anísio Teixeira de uma educação integral e completa: uma escola pública de qualidade que garanta a inclusão social dos alunos oriundos do bairro da Liberdade e adjacências, com o intuito de potencializar e formar cidadãos críticos e participativos no cenário da educação baiana.

Nesse tocante, percebemos que Dayrell aponta para uma nova vertente (desde a década de 1980) de análise da instituição escolar que coloca a pessoa no centro do conhecimento, como autor e sujeito do mundo, “tanto a natureza quanto as estruturas estão no centro da pessoa, ou seja, a natureza e a sociedade são antes de tudo humanas”.<sup>47</sup> O reflexo dessa vertente, no espaço educacional, compreende a escola como uma construção social, na relação cotidiana, em que o sujeito não é apenas um agente passivo diante da estrutura: “trata-se de uma relação em contínua construção de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas”.<sup>48</sup> Para o referido autor, a escola, como espaço sociocultural, exige que o processo educativo seja construído e reconstruído a cada instante, senão vejamos:

Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposições de normas e estratégias individuais, ou coletivos, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar.<sup>49</sup>

A partir do que sugere as palavras do autor e tendo por base nossa própria vivência de docente e gestor, detectamos que, apesar da democratização do ensino, a escola infelizmente ainda negligencia o respeito à diversidade de seus alunos, isto é, as diferenças

---

<sup>47</sup> DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares**: sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 137.

<sup>48</sup> DAYRELL, 1996, p. 149.

<sup>49</sup> DAYRELL, 1996, p. 137.

são apagadas e a escola e seus programas procuram homogeneizar conteúdos e tratar de maneira uniforme suas crianças e adolescentes. Sendo assim, busca atender a todos da mesma forma, mantendo a mesma organização do trabalho escolar. A diversidade, neste sentido, é reduzida a diferenças na ótica da cognição (bom ou mau aluno, esforçado ou preguiçoso) ou na do comportamento (obediente ou rebelde, disciplinado ou indisciplinado) como nos lembra uma vez mais Dayrell. Por isso, o mesmo autor afirma que “o tratamento uniforme dado pela escola só vem consagrar a desigualdade e as injustiças das origens sociais dos alunos”.<sup>50</sup> A prática escolar, nessa ótica, desconsidera a totalidade das dimensões humanas dos sujeitos envolvidos no processo educacional como: alunos, professores, funcionários. O discurso da democratização da escola, na perspectiva homogeneizante, percebe o conhecimento como produto: valoriza o resultado, e não o processo; padroniza os conteúdos, os ritmos e estratégias; esquece que os alunos chegam à escola marcados pela diversidade – reflexo do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

Ainda de acordo com o estudioso, a escola desempenha um papel importante na construção de uma sociedade equânime e democrática. Deste modo, surgiu a preocupação com a função social da escola, hoje, na construção de seu currículo frente a uma sociedade marcada pelos avanços tecnológicos, o grande fluxo de informação, a evolução dos meios de comunicação e as promessas de igualdade da globalização em uma economia excludente. Para tanto, deve-se levar em consideração as diferenças individuais, caracterizando-as como um espaço em que ocorre a construção do saber, composta de uma diversidade cultural e étnica.

Na contramão desse pensamento e diferente das escolas ditas “tradicionais”, a Escola Parque é reconhecida pela UNESCO como modelo educacional. Além de respeitar as diferenças em seu projeto pedagógico, que delinearemos mais à frente, a escola possui teatro, restaurante, quadra poliesportiva, oficinas de trabalhos manuais (tecelagem, marcenaria, pintura, costura, padaria etc) um jornal e um programa radiofônico transmitido pelos alto-falantes. Todas estas características a tornam única em Salvador, constando também na sua parte Pedagógica uma equipe interdisciplinar que compõe o denominado “Núcleo de Projetos Especiais”, permitindo uma multiplicidade de intervenções na área psicossocial e pedagógica, com a inclusão de profissionais de Psicologia, Psicopedagogia, Serviço Social, Advocacia e professores especialistas (Altas Habilidades/Superdotação) todos engajados em programas que se norteiam para um processo socializante. O único movimento possível é de inclusão,

---

<sup>50</sup> DAYRELL, 1996, p. 140.

compartilhando ações voltadas para o crescimento e desenvolvimento da comunidade escolar, sempre participando, inovando, vencendo obstáculos e quebrando paradigmas.

Logo, a proposta de trabalho da Núcleo de Projetos Especiais é algo inovador, ampliando a dinâmica da relação professor/aluno, incentivando as potencialidades humanas não com fórmulas mágicas, mas com ações que buscam dar conta do indivíduo bio-psico-social no contexto escolar, para que possam intervir na realidade para transformá-la em uma sociedade mais justa e igualitária. Para tanto, implementamos os projetos abaixo listados como uma marca de continuar inovando com outro olhar as idéias de Anísio Teixeira por meio de uma gestão participativa e democrática, assim como já idealizava sua irmã, discípula e primeira gestora do centro, Carmem Teixeira, na década de 1950.

- Projeto de Nutrição
- Projeto Aluno Guia
- Projeto da Rádio Escolar
- Projeto de Ginástica Comunitária
- Projeto Psicologia Educacional
- Projetos de Apoio às Famílias e de Leitura e Escrita para Adultos
- Projeto de Apoio Jurídico à Família
- Projeto de Psicopedagogia
- Projeto de Altas Habilidades/Superdotação
- Projeto de Saúde Bucal
- Projeto Escola de Pais



*Encontro da Escola de Pais, nov. 2008.*

**Fonte:** Acervo da Biblioteca da Escola Parque.

Hoje, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro – Escola Parque traz em sua gênese uma proposta revolucionária de educação de tempo integral, voltada para o ensino elementar, contemplando as populações mais carentes da cidade do Salvador. Oportuno ressaltar que as populações circundantes à escola, e sua maior clientela, são afrodescendentes e de classe socioeconômica de baixa renda. E essa informação não é gratuita. Cotejando o hoje com o ontem, detectamos que a escola de Ensino Básico, pensada e implantada por Anísio Teixeira, já naquele tempo (anos 1940) entendia a educação como fato social, político e cultural e que reunia às classes comuns de ensino as práticas de trabalho – artes, recreação, socialização e extensão cultural – com fins de atingir seu principal objetivo, que era oferecer às crianças oriundas das classes populares uma educação integral, num país onde a desigualdade social já se fazia evidente e que era necessário que se tivesse um olhar para a educação, sobretudo, entendida como instrumento de superação de carências e de ascensão social.

A concepção original do Projeto Político Pedagógico delineado por Anísio Teixeira para o C.E.C.R. trazia em seu bojo a concepção de uma educação que pudesse não só promover a integração e a participação de todo alunado nas atividades oferecidas, essenciais à dignidade e ao desfrute do exercício dos direitos humanos, mas, também, combater a exclusão social. Enfim, era preconizada uma escola pública com um Ensino Básico para todos, em que os espaços e os tempos da educação fossem significativos para cada sujeito que dela necessitasse, antecipando-se assim os princípios da Escola Inclusiva.

## **2.9 Após sete anos o Centro cria o seu Projeto Político Pedagógico**

Como já frisamos alhures, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro tem como missão “oferecer ao aluno um retrato de vida em sociedade, através de atividades diversificadas e experiências de estudos e de ações responsáveis”. A referida missão encontra-se em consonância com o Art. 1º, § 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que explicita que a educação escolar “deverá vincular-se ao mundo do trabalho e a prática social”.<sup>51</sup> Isto significa que o Centro oferece uma educação integral através do trabalho e não para o trabalho.

Pensando nesse dever imperioso, o Projeto Político Pedagógico do Centro Educacional Carneiro Ribeiro se fundamenta na filosofia educacional pautada nos princípios de John Dewey e Anísio Teixeira, os quais preconizavam que as aplicações do método científico em

---

<sup>51</sup> REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1996, Art. 1º, § 2º.

situações de aprendizagem se caracterizam por um *continuum* experiencial, e consideram a aquisição do saber como fruto da reconstrução da atividade humana, a partir de um processo de reflexão sobre experiência, continuamente repensada e/ou reconstruída. Para esses educadores, toda nova experiência é elaborada a partir das experiências anteriores do indivíduo, que, por sua vez, constrói um novo conhecimento estabelecendo conexões com o que foi adquirido no passado.

O Projeto Político Pedagógico do C.E.C.R. – Escola Parque foi concebido de forma a assegurar o que preconizava seu idealizador, isto é, a permanência dos alunos em tempo integral, propiciando aos mesmos conhecimentos nas áreas de competência sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, de acordo com as Matrizes Curriculares do Núcleo Comum. Este turno, como já explicitamos, é desenvolvido em uma das quatro Escolas-Classe, ou no Colégio Álvaro Augusto Silva. No contra-turno, os mesmos alunos matriculados nas referidas Unidades de Ensino freqüentam a Escola Parque, onde lhes são oferecidos a “Parte Diversificada”, ou seja, vivências que possibilitam a complementação e ressignificação das disciplinas curriculares oferecidas no Núcleo Comum, além de desenvolver habilidades e competências concernentes ao desenvolvimento integral dos alunos, potencializando suas capacidades de compreensão do mundo, através da educação pelo trabalho.

O Centro Educacional Carneiro Ribeiro, após a sua reinauguração, é, hoje, reconhecido como modelo de Escola de Educação Integral por apresentar uma estrutura de funcionamento diversificada da escola regular. Sua forma veio sendo moldada com o desenvolvimento das ações que foram surgindo ao longo desses sete anos em que, juntamente com os outros membros dirigentes e orientadores pedagógicos, trabalharam arduamente para resgatar os ideais anisianos, principalmente aqueles voltados para a identidade do Centro e para a (re)construção de seu Projeto Político Pedagógico. Nosso próximo capítulo tenciona demonstrar como se deu a (re)construção desse projeto.

## **2.10 Processo de construção do C.E.C.R.: da utopia à realidade**

Como afirma Hernández,<sup>52</sup> a função da Escola não é só transmitir conteúdos, mas também facilitar a construção da subjetividade para as crianças e adolescentes que chegam a

---

<sup>52</sup> HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ela, de maneira que tenham estratégias e recursos para interpretar o mundo no qual vivem e consigam escrever suas próprias histórias.

Concordando com o estudioso espanhol e aprofundando os estudos acerca do que pregava Anísio Teixeira, e tendo como referência Hernández e outros diversos estudiosos de projetos políticos pedagógicos, os responsáveis pela elaboração do Projeto Político Pedagógico do C.E.C.R. sentiram a necessidade de articular a vivência e conhecer a dinâmica da instituição de ensino, já que ela é respaldada na Educação de Tempo Integral desde a década de 1950, seguindo a filosofia anisiana. Assim, desde nossa chegada ao referido centro escolar, no período de 2002 a 2009, somamos esforços para, primeiro, mapearmos as fontes do contexto educacional que tivesse uma relação dialógica com o educador, com o educando e com os profissionais que trabalham neste Centro, e desenhamos sua prática educacional. Essa prática, antes de ser nossa, caminha em direção ao Projeto Político Pedagógico preconizado por Hernández:

A educação escolar possa possibilitar a aquisição de estratégias de conhecimento que permitam ir além do mundo tal como estamos acostumados a representá-lo, por meio de códigos lingüísticos e sinais culturais estabelecidos e dados pelas matérias escolares e pela bagagem outorgada pelo grupo social ao qual pertence.<sup>53</sup>

Com base nessas orientações e em nossas pesquisas empíricas e teóricas, desaguamos em um modelo de projeto que foi efetivado a partir das experiências vivenciadas anteriormente pelos professores em suas salas de aula. Trouxeram esses educadores ainda suas experiências no magistério e suas diversas participações em eventos de arte, exposições, campeonatos de esporte, teatro, música, dança, atividades diversas de Linguagem, Língua Estrangeira e Raciocínio Lógico-Matemático. Essa forma de pensar e idealizar o Projeto Político Pedagógico do C.E.C.R. não se sustenta apenas em experiências empíricas, mas estão amparadas, sobretudo em anteriores ações experimentais como as descritas por Freinet:

Conhecendo cada vez mais a personalidade de seus alunos, Freinet foi percebendo que existiam outras formas de melhorar o relacionamento entre as crianças e ele próprio. Começou a questionar a eficiência educacional: filas, horários e programas exigidos oficialmente. Para ele ficou claro que o interesse das crianças estava lá fora. Dentro da classe não havia nada que realmente motivasse as crianças, que permaneciam sentadas em suas carteiras, pregadas no chão. Sabia que alguma coisa teria de ser feita. Era preciso mudar.<sup>54</sup>

---

<sup>53</sup> HERNÁNDEZ, 1998, p. 21.

<sup>54</sup> SAMPAIO, Rosa M. W. F. **Freinet**: evolução histórica e atualidade. São Paulo: Scipione, 1989. p. 41.

Agindo dessa forma, pensando em aprimorar a maneira de educar nossas crianças e jovens e tendo como modelo a ser seguido as experiências de Freinet, principalmente, nós procuramos desenhar um projeto que representasse a coletividade, e que estivesse em consonância com os anseios da comunidade escolar (comunidade escolar aqui é entendida como todos os atores do processo envolvendo a comunidade local) e, obviamente, de todos que trabalham no C.E.C.R. – os professores de língua Portuguesa, História e Geografia e as outras Ciências – para que assim pudessem ficar diretamente articuladas com o conhecimento da área diversificada, que compõe as Escolas-Classe e a Escola Parque.

Nesse sentido, começamos a implementar no contexto desse Centro iniciativas que potencializassem as articulações que historicamente vinham representando algumas dificuldades. Inicialmente, começamos a proceder a integração das seis escolas e dos núcleos que compõem o Complexo C.E.C.R. por meio de reuniões. Nessas reuniões pedagógicas, contávamos com os educadores que vinham tanto das Escolas-Classe como os professores responsáveis pelas áreas de Artes, Ciências e Matemática, os quais se reuniam no Núcleo de Artes Visuais da Escola Parque, para que todos, em coletividade, pudessem desenhar as necessidades referentes à formação do aluno, que é o principal protagonista dessa história.

Portando-nos dessa forma, compreendemos que as reuniões pedagógicas foram e são muito profícuas. Entretanto, apenas as reuniões realizadas entre os diversos professores e os profissionais da área pedagógica não atendiam, tampouco motivavam o suficiente, as realizações que desejávamos ver implantadas. Necessário se fazia implementar algumas ações que envolvessem mais os professores com a sua prática. Daí colocar em prática, nessas reuniões, leituras e discussões acerca dos Estudos Anisianos, visando embasar teoricamente as idéias trazidas e levantadas pelos professores. Além dos pressupostos teóricos anisianos, ofertamos textos teóricos de outros estudiosos contemporâneos, a exemplo de Edgard Morin, Freinet, Paulo Freire, Pennie Locke, dentre outros.

Como essa atitude se mostrou eficaz, decidimos que, uma vez por mês, na Escola Parque, todos os professores das Escolas-Classe, divididos em salas temáticas, pudessem contextualizar as diferentes áreas com as atividades que eram efetivadas nas escolas. Através dessa ação, o projeto foi se delineando. Passamos do que tínhamos e chegamos ao que queríamos ter. Esses questionamentos foram sistematizados dando forma ao Projeto Político Pedagógico do Centro (que detalharemos ulteriormente).

Esses saberes, trazidos pelos professores e estofados pelos estudos teóricos de autores já mencionados, fizeram nascer um movimento dialógico, que denominamos de “Projeto de Articulação”, no qual a direção do Centro, das Escolas-Classe, coordenadores, professores e alunos procuraram superar os vazios, os hiatos, acabar com os ruídos que marcavam a distância e, muitas vezes, a apatia, entre o que o professor pretendia ensinar e o que os alunos gostariam de aprender.

Em outro termo, o que se verificava na antiga *práxis* escolar, referente ao Projeto Político Pedagógico, é que os professores das disciplinas do Currículo Comum trilhavam cada um seu próprio trajeto antes da chegada da atual equipe gestora à escola, sem que houvesse interseções que os fizessem se encontrar com os demais colegas, e nesses caminhos, não raramente, inexistia a afetividade. Na solidão de suas escolas e prioridades, carecia um alinhamento de conteúdos específicos de cada disciplina, docentes dicotomizavam e desalinhavam ações extra-salas. Embora agissem de boa fé e visando ao crescimento educacional do aluno, essas ações eram ineficazes porque não visavam a coletividade estudantil, a sintonia exigida. Assim, respeitando as diferenças e sabedores que cada aluno e cada classe têm um ritmo diverso das demais, procuramos instaurar práticas que não interferiam na autonomia das Escolas-Classe e dos professores, mas colocamos em prática ações que pudessem articular e colocar em sintonia saberes que atendessem de forma dinâmica e consistente aos anseios dos discentes, e estes também participassem desse processo de construção de nosso Projeto Político Pedagógico, afinal são eles que melhor conhecem sua comunidade, a história de seus bairros e são sabedores dos seus anseios. Para a comunidade, é importante a efetivação desses projetos porque, no momento em que esse aluno muda de atitude, a partir da implementação de projetos como os implementados por nós, sentimos mudanças de atitude por parte desses atores e a comunidade também se sente co-participante. A escola, portanto, constitui-se em um ambiente de aprendizagem, no qual ela e seu entorno são objetos de pesquisa, e os alunos e a comunidade ganham autonomia no processo ensino-aprendizagem.

Ou como nos diz Pimenta, “educar na escola significa ao mesmo tempo preparar as crianças e os jovens para se elevarem ao nível da civilização atual – da sua riqueza e dos seus problemas – para aí atuarem”.<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> PIMENTA, Selma Garrido. A didática como mediação na construção da identidade do professor – uma experiência de ensino e pesquisa na licenciatura. In: ANDRÉ, Marli D. A.; OLIVEIRA, Maria R. N. S. (Orgs.). **Alternativas no ensino de didática**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2002. p. 46.

A exemplo do que afirmamos, sugerimos que os professores dessas unidades escolares discutissem suas práticas pedagógicas, fizessem uma reflexão sobre suas ações e fortalecessem a troca de saberes. E, nessa troca de saberes, deixassem aflorar a afetividade. Até porque a partilha do afeto repercute positivamente na prática pedagógica e docente. E o que também nos diz Sampaio, ao estudar as idéias de Freinet:

Freinet, que não concorda nem, com o pensar nem com a desvalorização do papel do professor, divulgou, através dos boletins e do *L'éducateur*, suas idéias a todos os seus adeptos, dizendo que a ação pedagógica poderia ser levada, dentro de seus limites normais, a transformar-se numa ação política, mas jamais numa ação político-partidária.<sup>56</sup>

Essas ações, acreditamos, têm garantido os saberes esperados pelos alunos porque não são pontuais, acontecem durante todo o ano e os coordenadores se reúnem com a coordenação de articulação desse projeto para listar novas diretrizes que venham alcançar o sucesso do nosso alunado. A exemplo do que afirmamos em 2008, por eleição direta dos discentes, eles escolheram como tema gerador para desenvolver e apresentar ações pedagógicas o tema “Respeito à Diversidade”; em 2009 o tema eleito foi “Direito Humanos”. Logo abaixo, apresentaremos alguns gráficos que revelam a avaliação educacional implementada no C.E.C.R. como mecanismo de acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem do aluno, bem como verificar as diversas atividades pedagógicas realizadas a fim de acompanhar o progresso das atividades escolares.

Imperioso ainda é acrescentar que, ao direcionarmos nossas ações gestoras e pedagógicas para essa vertente, desejamos desenvolver no C.E.C.R. um modelo de escola que realmente se empenha em implementar e oferecer a essa comunidade uma educação preocupada com o homem integral, assim como preconizava Anísio Teixeira e que hoje, em nossa gestão, estamos resgatando.

Ampliando e melhor explicitando o que afirmamos, queremos dizer que o Projeto Político Pedagógico do C.E.C.R. procura, agindo dessa maneira, suprir as lacunas, preencher os vazios, resgatar a afetividade, antes rareadas, até pela falta de um Projeto Político Pedagógico, na condução de uma política pedagógica que ultrapassasse os muros da escola, assim como pensava Anísio Teixeira, e contemple o conhecimento obrigatório ofertado pela escola e se estenda além dele, ou seja, que os alunos construam seus próprios conhecimentos. Dessa mesma forma pensa Hernández ao nos afirmar:

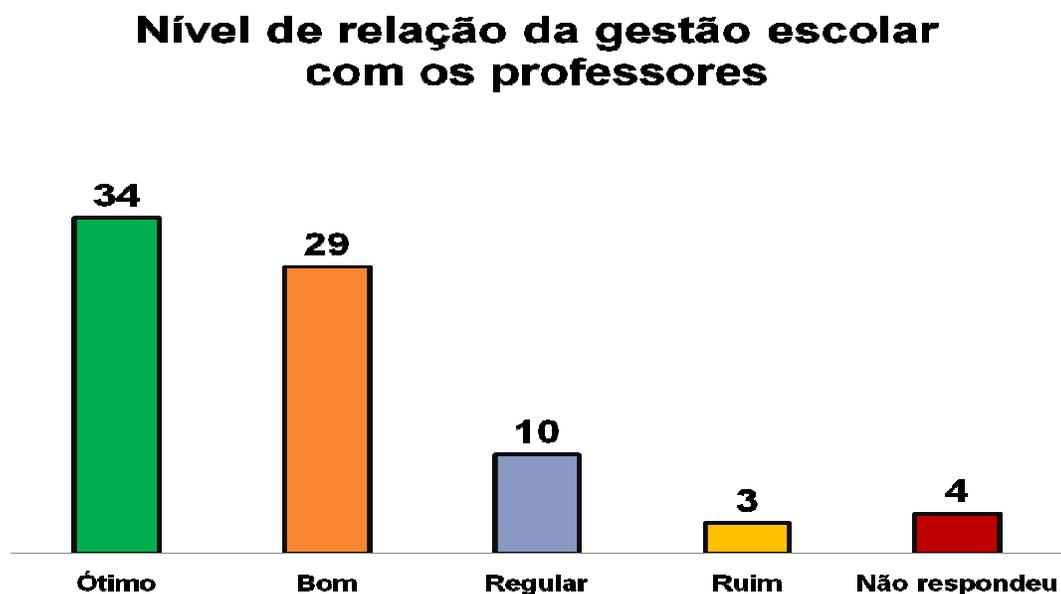
---

<sup>56</sup> SAMPAIO, 1989, p. 62.

O enfoque que se segue na apresentação de uma experiência curricular não pode ser considerado neutro nem tem por que ser mimético da proposta contida no Programa Curricular. Se quisermos, este pode servir como alvo e contraste por parte do docente, mas, de nenhuma maneira, pode tomar-se como ditame, pois seus fundamentos e concepções sobre o ensino, a aprendizagem e o currículo não cobrem muitas das referências que estão presentes numa prática educativa.<sup>57</sup>

Vejam agora, conforme havíamos prometido, os gráficos que revelam o resultado das ações pedagógicas realizadas em 2008. O tema gerador, já sabemos, foi o “Respeito à Diversidade”. Ressaltamos ainda que tais gráficos são de grande validade porque funcionam como ferramentas que melhor detalham as ações pedagógicas postas em prática. Neles, podemos também vislumbrar se os objetivos desejados (tanto para os alunos quanto para os professores) estão sendo alcançados. Além disso, os gráficos revelam o desempenho de cada escola que compõe o C.E.C.R., ou seja, são avaliadas os segmentos família, comunidade escolar (alunos e professores), funcionários, gestão escolar e, sobretudo, esses gráficos nos fornecem o desempenho de cada escola perante o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

**Gráfico 1:** Nível de relação da gestão escolar com os professores

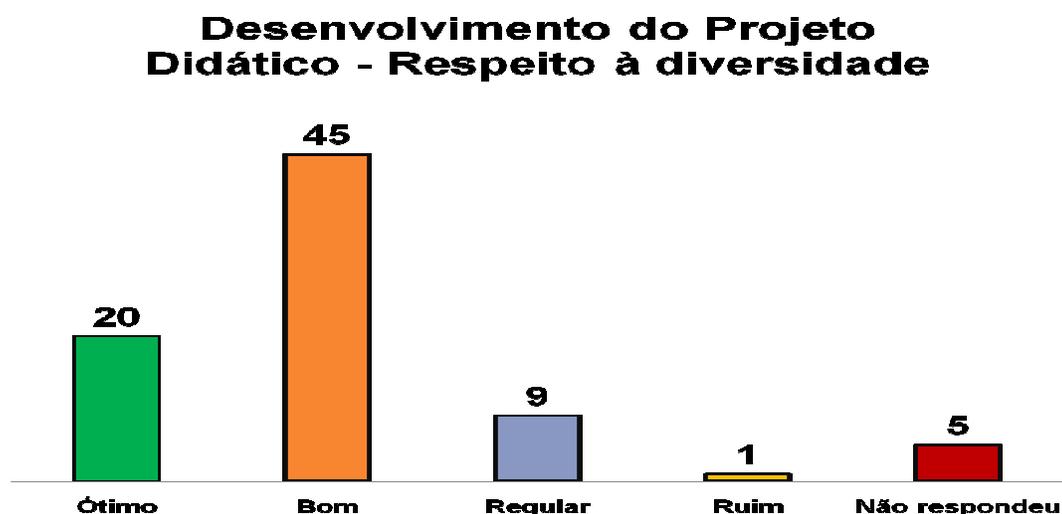


Fonte: Setor pedagógico do C.E.C.R. – Escola Parque, 2008.

<sup>57</sup> HERNÁNDEZ, 1989, p. 31.

A partir do que nos revela o gráfico acima, podemos detectar que em 2008 a gestão escolar foi bem avaliada pelo professores. Essa boa avaliação é fruto, acreditamos, da descentralização das ações administrativas por parte do gestor. Este passou a delegar poderes e não mais centralizá-los. Seu papel maior foi reger a “orquestra” escolar, isto é, passou a acompanhar mais de perto o cumprimento das ações (administrativas, pedagógica, pessoal, financeira e patrimonial) criando assim uma política organizacional que visualizasse a escola como um todo e não mais por segmentos isolados.

**Gráfico 2:** Desenvolvimento do Projeto Didático – Respeito à diversidade

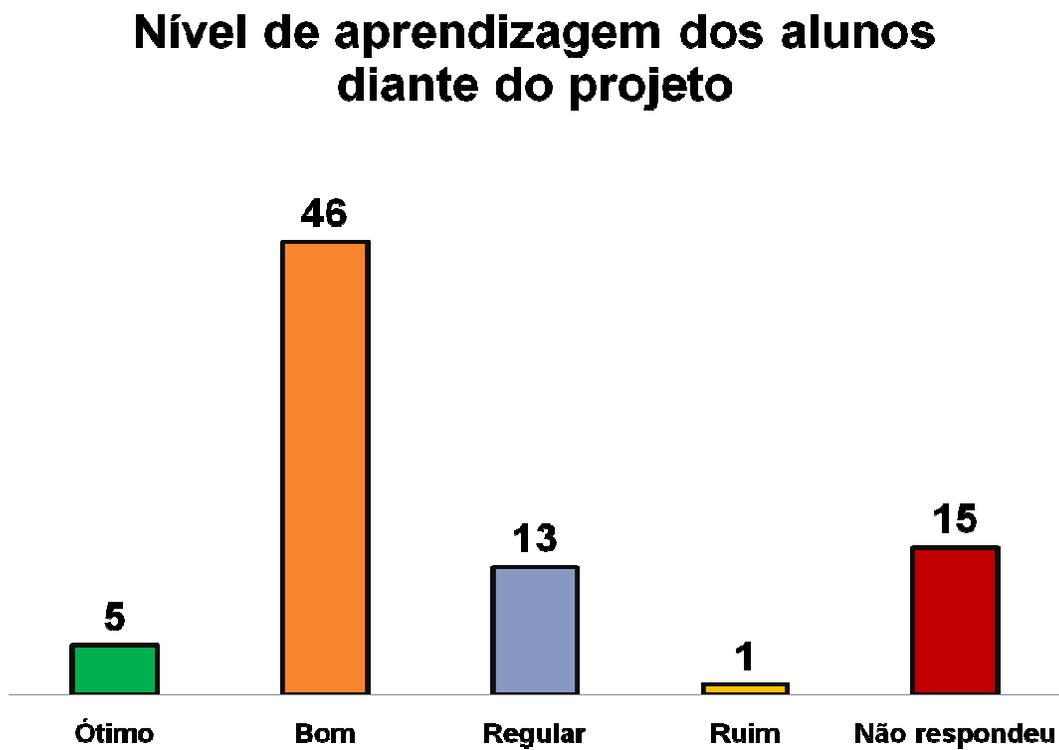


Fonte: Setor pedagógico do C.E.C.R. – Escola Parque, 2008.

Conforme podemos visualizar pelo que demonstra o gráfico acima, o bom desempenho do aluno em 2008 se deveu, principalmente, a partir das atividades desenvolvidas acerca da questão eleita por eles. Essa boa performance adveio também do empenho do professor. Lastreando nosso ponto de vista está Assmann, que nos garante que

O ambiente pedagógico tem de ser lugar de fascinação e inventividade. Não inibir, mas propiciar, aquela dose de alucinação consensual entusiástica requerida para que o processo de aprender aconteça como mixagem de todos os sentidos. Reviravolta dos sentidos-significados e potencialmente de todos os sentidos com os quais sensoriamos corporalmente o mundo. Porque a aprendizagem é, antes de mais nada, um processo corporal. Todo conhecimento tem uma inspiração corporal. Que ela venha acompanhada de sensação de prazer não é, de modo algum, um aspecto secundário.<sup>58</sup>

<sup>58</sup> ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 29.

**Gráfico 3:** Nível de aprendizagem dos alunos diante do projeto

**Fonte:** Setor pedagógico do C.E.C.R. – Escola Parque, 2008.

O resultado aqui evidenciado aponta para a certeza de que estamos nos esforçando para desenvolver um trabalho pedagógico pensado para a Escola Nova. Escola pensada por Anísio na década de 1950, conforme lembramos alhures. Seu pensamento escola-novista é válido até hoje, nossos esforços no C.E.C.R. em dar prosseguimento ao que ele preconizava bem demonstra a validade de suas propostas. Assim, como temos visto, o aluno tem que ser protagonista de suas próprias ações.

Outro dado revelador do gráfico é que os interesses do aluno e do professor se devem àquilo que lhes é prazeroso e não a ações didáticas impostas, sejam pelo professor, pelo gestor ou pelo livro didático. As revelações apontadas e constatadas nesses gráficos nos mostram que essa estratégia desenvolvida no C.E.C.R. em 2008 – e é válido ressaltar que ela é uma iniciativa piloto nas Escolas Públicas do Estado da Bahia – visa acompanhar de perto o desempenho do aluno. Avalia ainda a satisfação do professor e o trabalho de gerenciamento do gestor do Centro.

### **3 A ESCOLA É UMA SIMBOLOGIA DA VIDA**

Até o presente momento desse trabalho, procuramos resgatar o surgimento do Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Passamos pelo seu apogeu, declínio e ressurgimento. Mostramos ainda as diversas propostas educativas (teatro, biblioteca, educação física, artes plásticas, rádio, etc.) realizadas em reciprocidade entre professores, funcionários e alunos, que visam a objetivos bem definidos: os benefícios da educação integral para todos, na qual o aguçamento do senso crítico dos educandos, a disposição em acolher novas idéias, o desabrochar para as artes, a capacidade de trabalhar coletivamente em sala de aula, o respeito ao outro e às diferenças sejam sempre o norte que guie nossos funcionários, alunos e professores.

Agora é chegada a hora de mostrar como, ao longo desses anos, as idéias pedagógicas de Anísio Teixeira implementadas no C.E.C.R. colaboraram positivamente para a mudança de vida de muitos de seus alunos, e como hoje, resgatando plenamente esses mesmos ideais, desejamos continuar a contribuir para que a educação integral, as propostas anisianas continuem a mudar, para melhor, a vida de centenas de jovens, meninos e meninas, que chegam a nossas escolas, e se tornem protagonistas de suas próprias vidas. Suas narrativas, colhidas em entrevistas e reproduzidas, em parte, aqui, serão mais eloqüentes do que possíveis teorizações desprovidas de emoções. Mas antes de chegar a esses testemunhos, lembremos do que nos diz Josso acerca das narrativas de história de determinadas indivíduos:

Formar-se é integrar-se numa prática o saber-fazer e os conhecimentos, na pluralidade de registros sendo estes: o psicológico, o sociológico, o político, o cultural e o econômico. Registros colocados em evidência a partir da construção, pelo sujeito, da narrativa de sua história de vida, uma vez que tal construção se constitui como um recurso importante para evocar as “recordações-referências; recordações que contam o que se aprendeu com a própria vida. Em outras palavras, é narrar para si a própria história: a narrativa de formação obriga também a um balanço contábil do que é que se fez nos dias, meses e anos relatados, ela nos

permite tomar consciência da fragilidade das intencionalidades e da inconstância dos nossos desejos.<sup>59</sup>

As falas, as narrativas dos sujeitos, têm para nós um objetivo claríssimo: perceber como esses indivíduos, ex-alunos do C.E.C.R. tiveram suas histórias de vida modificadas, para melhor, a partir da entrada deles, como estudantes no referido Centro. Como acima nos diz Josso, eles narram mais para si que para o ouvinte dessa pesquisa. E ao evocar, ao lembrar o tempo de estudantes, eles, além de aflorar suas emoções, tomam mais consciência de como a escola integral, as idéias pedagógicas anisianas, transformaram substancialmente suas vidas. Vidas que corriam risco, vidas que seriam, parodiando Graciliano Ramos, “secas”, porque, atavicamente, pareciam determinadas, como o menino mais velho e o menino mais novo, filhos de Fabiano, a reproduzir o mesmo destino do pai, do avô, do bisavô de Fabiano e de seus próprios pais. E se assim o afirmamos é porque essas vidas eram espreitadas por homens que desejavam cooptá-los para o tráfico de drogas, para a violência, para a prostituição e a exploração desumana em subempregos.

Já expusemos antes que o C.E.C.R. se situa em uma região populosa (400 mil habitantes) na qual os diversos bairros que formam seu entorno é constituído por uma população, em sua maioria, de baixo poder aquisitivo. Outro fato é que essa numerosa população, cerca de 95%, é constituída de afrodescendentes. E as estatísticas recentes nos demonstram quão desiguais são os salários dos negros comparados aos dos brancos, quão distantes estão os negros dos postos de poder e de comando nas diversas esferas públicas e políticas do nosso país, do nosso Estado. Quão desiguais são as formas de tratamento que recebem os negros na saúde pública, como negativamente ainda são expostos em papéis cinematográficos e televisivo nacional, além de muitas outras discriminações claras ou sub-reptícias. Por fim, basta lembrar a estrofe de Caetano Veloso e Gilberto Gil, poetas geniais, ao comporem Haiti, que nos diz como no Brasil “todos sabem como se tratam os pretos”.<sup>60</sup>

Partindo dessa constatação, sabedores de que lugar a sociedade preconceituosa e valorativa do imaginário e da estética europeia destinava aos negros e brancos pobres, é natural que, além da emoção, esses cidadãos negros e negras reconheçam mais claramente hoje, ao trazer à tona lembranças pretéritas, a importância de terem eles passado pela Escola Parque e, de como a pedagogia da Escola de Educação Integral, as idéias anisianas e a oportunidade que lhes foi dada por essa escola foram responsáveis para driblar um horizonte

<sup>59</sup> JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2004. p. 39-45.

<sup>60</sup> VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto. Haiti. In: **Tropicália 2**. Polygram, 1993. Faixa 1 (4 min 18 s.).

de vida limitado, um destino profissional pouco qualificado que iria mantê-los como cidadãos incompletos. Suas falas, suas lembranças, como veremos, revelam não o agradecimento, mas o reconhecimento da honradez de um homem – Anísio Teixeira – a grandeza de seus ideais educativos, a honestidade no gerenciamento do Centro. São esses princípios a que eles mais se referem e, junto a esses princípios e suas obstinações e oportunidades oferecidas, conspiraram para que hoje eles se sintam cidadãos por inteiro, tenham encontrado um lugar “ao sol e à sombra” e estejam inseridos no mercado de trabalho em profissões antes “reservadas” apenas a brancos de classe média ou alta.

Em outras palavras, o “balanço contábil” dessas vidas nos permitirá tomar uma consciência maior da importância, atualidade e vitalidade da Escola Parque e dos ideais anisianos. Essas falas ecoam em nossos ouvidos, guiam-nos em nosso dia-a-dia e nos fazem acreditar, modestamente, que hoje, responsável em gerir esse Centro, estamos resgatando, como nunca antes, as propostas pedagógicas de Anísio Teixeira.

### **3.1 José Mendes, Marivaldo, Maridaura e Darci Xavier: o contar da história viva do Centro**

Para constatar como as idéias pedagógicas idealizadas e implantadas por Anísio Teixeira no C.E.C.R. intercederam positivamente na vida não apenas educativa, mas no seu todo, na sua integralidade, decidimos, neste último capítulo, dar voz a quatro ex-alunos que são testemunhas vivas de como esse Centro, mais do que ontem, precisa manter vivos os ideais pedagógicos anisianos, já expostos e analisados por nós, ao longo desse trabalho, e de como tais ideais estão sendo, cotidianamente, recuperados por nós, corpo gestor, docentes, funcionários, alunos e comunidade. Para que, dessa forma, a escola de educação integral atinja cada vez mais seus objetivos. Mas, para isso, é preciso que homens e mulheres públicos se sensibilizem para ampliar esse tipo de escola, acolhendo e expandindo a outros bairros de Salvador, quiçá da Bahia. Em nossas falas, alternaremos as vozes desses homens e mulheres que, com seus testemunhos, nos farão crer, como Anísio, que a educação integral, mais que outro instrumento de socialização humana, modifica vidas.

O senhor José Mendes,<sup>61</sup> ao acordar suas lembranças para nossa entrevista, remete-nos para o ano de 1958, quando ele, filho de um verdureiro e auxiliar do pai nesse ofício, vendia frutas no final de linha do bairro da Liberdade, em Salvador. Gostaria de estudar

---

<sup>61</sup> As entrevistas encontram-se no CD anexo a esse trabalho.

também, mas o pai acreditava que “filho de pobre não podia estudar o dia todo”. Necessitava dele na labuta da venda de frutas e o dinheiro que diariamente ajudava a sustentar a família era indispensável.

A Escola Parque era uma escola de educação integral, daí a relutância do pai. Mas se, como diz o ditado popular, avô é pai duas vezes, o avô de Sr. Mendes o ajudou a convencer o pai a deixá-lo estudar no centro. Ele saía de casa às 8 horas da manhã e retornava às 17 horas, mas, ao retornar, seus olhos mais brilhavam que se fechavam. E esse brilho intenso, fulgurante tinha outro motivo. Seu avô intercedera junto ao pai de José para que ele fosse à escola e o “destino”, um “anjo” ou o próprio acaso, para quem não acredita em anjos e deuses, profícuos na Bahia, o ajudou a chegar ao C.E.C.R. Isso porque sua entrada dependia de uma desistência de outro aluno.

Vaga conseguida, consentimento dado pelo pai, o Sr. Mendes prometeu a ele “que chegaria ‘lá’”. E assim o fez, cumpriu a sua palavra: foi aluno, fez diversos cursos a exemplo de couro, sapataria, alfaiataria, cartonagem, encadernação, cestaria, madeira, escultura, metal e cerâmica. Foi ainda monitor, instrutor de entalhamento em madeira, funcionário e chegou a administrador da Escola Parque.

Além de aluno, era um arguto observador da administração do Centro, na época dirigida pela professora Carmem Spínola Teixeira, que o dirigia sem valorizar grupos, isto é, para ela “não havia distinção, pois sabia valorizar os alunos, professores e funcionários”. Havia, é verdade e comum para os padrões morais e sociais da época, a divisão dos alunos por sexo: “os alunos eram divididos em uma ala feminina e outra masculina”.

Outro aspecto que ele destaca em suas lembranças era a exposição dos trabalhos artísticos; eles eram selecionados de acordo com a estética “trabalhos considerados bem feitos”, o que diminuía a auto-estima dos alunos que tinham seus trabalhos excluídos – precisamos chamar a atenção do leitor que hoje, no Centro, não há essa distinção, aspecto já discutido por nós quando discorremos sobre o “Núcleo de Artes Visuais”. O Sr. Mendes aproveita para refletir também como hoje esse mesmo núcleo aboliu essa prática excludente e, diferente disso, valoriza a produção artística do aluno, descentrando do objeto artístico o caráter de “belo”, “feio”, “bem ou mal feito”. Outro cotejo que ele faz é perceber que, além de recuperar a auto-estima dos alunos, o C.E.C.R. desenvolve um trabalho, tendo à frente uma psicóloga, juntos aos pais, como forma de trabalhar a auto-estima de quem procura por esse serviço.

Fazendo coro às palavras do Sr. Mendes, está a voz do Sr. Nerivaldo de Almeida,<sup>62</sup> cujo ingresso na Escola Parque se deu em 1956. Tal qual o Sr. Mendes, ele passou de aluno a monitor, depois funcionário e professor. Atualmente, atua como Ouvidor Adjunto da presidência do tribunal de Justiça da Bahia. Suas recordações da escola fazem emergir um passado que lhe proporcionou chegar onde está. Mas antes do cargo importante que ocupa hoje, do homem íntegro que é, ele é sabedor que sua “dívida” para com a escola é impagável. Antes de se tornar advogado, recorda-se das aulas de técnicas de modelagem, de carpintaria, alfaiataria, couro, sapataria, cestaria, cerâmica, sua maior paixão naquela época. Os primeiros conhecimentos adquiridos na Escola Parque o levaram a ingressar nos cursos de Educação Física e, posteriormente, Direito.

Assim como os senhores Mendes e Nerivaldo, a emoção de D. Maridaura Vita aflora quando se recorda do C.E.C.R., afinal, para ela suas maiores emoções de vida como aluna foram vividas ali. Ela ingressou como aluna na escola em 1958. Segundo ela, o Centro a realizava. Passava todo o dia lá: “até do coral participava, atividade que faço até hoje participando do Coral da Igreja de São Bento”. Como os outros dois ex-alunos, D. Maridaura passou a professora e dessa função foi nomeada Vice-Diretora da Escola Classe III, e mais tarde nomeada Diretora da Escola Classe IV, onde se aposentou. Hoje, D. Maridaura ocupa um Cargo no Governo do Estado da Bahia, atuando como Assistente Social da Escola Parque, trabalho que exerce exclusivamente no Projeto da Melhor Idade.

Assim como D. Maridaura, a senhora Darci Xavier tem muitas recordações do Centro. Ela ingressou na Escola Parque na década de 1960 e suas impressões daquele espaço ainda são vivas: “todos aqueles quarenta e dois mil metros quadrados eram só alegria, era contagiada pelo verde da jaqueira, mangueira e tantas outras plantas frutíferas que existiam ali. Lembro muito bem da Diretora, D. Carmem, mulher dinâmica, tinha autoridade, sem ser autoritária, enérgica sem ser ríspida e fazia com que todos se sentissem responsáveis pelo projeto do centro”. Para D. Darci, a gestão participativa, termo tão popular, mas, às vezes, vazio de conteúdo e ações, já era uma realidade no C.E.C.R. na década de 1960. E ela nos diz que

D. Carmem já praticava esse tipo de gestão em suas ações. As Diretoras das Escolas-Classe, coordenadoras dos setores, eram co-partícipes da administração. Elas tinham autonomia em seus setores, mas era bem claro que estavam subordinados à direção

---

<sup>62</sup> Dr. Nerivaldo Almeida é professor de Educação Física e Ouvidor Adjunto da Presidência do Tribunal de Justiça da Bahia.

geral. Outro fato que me chamava a atenção era sua presença constante [de D. Carmem Teixeira] na Escola. Ela, muitas vezes, aparecia repentinamente nos setores para realizar visitas e vistorias.

Ainda de acordo com D. Darcy, a relação entre gestora e aluno era de respeito mútuo. No aspecto financeiro, ela se recorda que o

Centro era mantido pelo Governo Federal e era um período de fartura. Tínhamos tudo: ônibus que trazia os professores, levava os alunos para passeios na cidade, fardamento, livros, assistência médica e odontológica, ensino de qualidade e alimentação de “primeiro mundo”. Os professores recebiam melhores salários e isto também contribuía para um trabalho mais eficiente e dedicado. Não havia falta de funcionários e a escola estava sempre limpa e bem cuidada, com eles zelando dos alunos e do patrimônio. Além dos funcionários, havia a figura dos monitores que geralmente eram alunos ou ex-alunos que atuavam como ajudante de classe, e, posteriormente, vários se tornaram funcionários do Centro.

Ela ainda nos revela que “o aluno podia utilizar todos os espaços, freqüentar diversas técnicas e oficinas, sendo obrigatória a freqüência à biblioteca, ao artístico e ao setor de educação física, todos bem equipados”. Lembra ainda que a biblioteca, a mais bem “abastecida” da época, era disponibilizada para os alunos; para ela, a cultura escolar e artística era ampla, havia um bem equipado setor de Educação Física, de cujos aparelhos o aluno podia usufruir, sem exceção. Não faltavam também, segundo ela, as aulas de flauta, de piano, de dança, de teatro, de canto e de coral. E para manter os alunos ágeis e saudáveis havia, como hoje, comida de qualidade no refeitório: “os meninos da Parque conheceram hambúrguer, muito antes da febre do McDonald”, revela-nos. Relembra ainda que a “presença da modernidade” na escola se fazia presente com um banco e uma agência dos correios, operados pelos alunos.

D. Darcy regressou à Escola Parque na década de 1990, na condição de professora, inicialmente como “serviços prestados” e posteriormente como funcionária pública concursada. “Hoje estou aqui contribuindo na reconstrução da minha Escola como Professora e Articuladora de História e acreditando que posso ajudar na formação do meu povo que vem sendo devorado aos pouco pela marginalidade”, finaliza.

### **3.2 As narrativas resgatam as histórias de seus protagonistas**

Ao ouvir esses sujeitos, ex-alunos do C.E.C.R., tencionamos colocá-los no hoje, através das suas lembranças evocadas, em contato com as experiências de vida escolar, experiências pedagógicas que formaram suas vidas. Reconheceram, cada um deles, a

importância que o referido Centro teve em sua formação pessoal e profissional. Como dissemos, a educação integral lhes possibilitou mudar, para melhor, o destino de suas vidas e, para outros, o Centro foi o responsável em direcionar as suas escolhas profissionais. Essas narrativas de vida, embora fragmentadas e tendo um número pequeno de sujeitos-falantes, natural para o tipo de pesquisa que estamos apresentando, reforçam a nossa crença que é a escola, e principalmente, a escola de educação integral nos moldes anisianos, que pode transformar a história de vida de centenas de crianças e jovens carentes que a cada ano chegam aos portões do Centro. A esse respeito, a importância das narrativas de vida, que colocam seus depoentes em contato com suas experiências formadoras, configura-se como um processo de conhecimento. Um conhecimento de si, das analogias que se estabelecem com o processo formativo e com as aprendizagens que se edificam ao longo da vida. O sujeito, na abordagem biográfica, faz brotar um conhecimento sobre si, sobre os outros e sobre o cotidiano, o qual se revela nos saberes ao narrar com profundidade. Eggert nos revela que

A construção da narrativa funciona como uma atividade psicossomática em diferentes níveis. Primeiro, no plano da interioridade; segundo, na perspectiva das competências verbais, intelectuais e relacionais, porque implica colocar o sujeito em contato com suas lembranças e evocar as experiências formadoras, sistematizando-as num texto narrativo que tem sentido para si e articulado ou não aos projetos de formação. A escrita da narrativa remete o sujeito a eleger e avaliar a importância das representações sobre sua identidade, sobre as práticas formativas vivenciadas, de domínios exercidos por outros sobre si, de situações fortes que marcaram escolhas e questionamentos sobre suas aprendizagens, da função do outro e do contexto sobre suas trajetórias, dos padrões construídos em sua história e da possível superação para viver de forma intensa e comprometida consigo próprio.<sup>63</sup>

Portanto, ao ouvir esses homens e mulheres, objetivamos detectar como as experiências educativas e as práticas formativas no C.E.C.R. contribuíram efetivamente para o desenvolvimento pessoal e profissional de cada protagonista.

---

<sup>63</sup> EGGERT, Edla (Org.). **[Re]leituras de Frida Kahlo**: por uma ética estética da diversidade machucada. Santa Cruz do Sul EDUNISC, 2008. p. 149.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Ao chegarmos ao final desse trabalho, temos uma certeza incontestável: ele não está pronto. Com essa certeza, afirmamos que ele é um texto em construção, inacabado. Mas pudemos contribuir, mesmo que minimamente, para acrescentar à vasta bibliografia dos estudos anisianos e da Escola Parque mais um estudo que, quem sabe, ajudará a entender um pouco mais o educador baiano, suas idéias e ideais educativos.

Como vimos ao longo desse texto, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro – Escola Parque buscou, desde seu surgimento, quando se chamava “Centro Popular”, o desenvolvimento educacional e integral, a formação e informação de todos os educandos, principalmente dos mais carentes, aqueles que habitam o entorno da escola, visando primordialmente sua socialização e inserção no mercado de trabalho como seres e profissionais críticos e participativos de nossa sociedade. Em outros termos, a escola procurou e procura incluir essas crianças e jovens, amanhã, homens e mulheres, em sua sociedade que ainda se mostra tão preconceituosa com os menos afortunados, moradores da periferia e afrodescendentes.

Para que se passe do querer ao poder, da vontade a realidade, o C.E.C.R. tem trabalhado, muito mais hoje, através da consciência, do estudo e da qualificação de todo seu corpo gestor, além de seus funcionários. Essa obstinação passa não apenas pelo desejo e pela sensibilidade, mais que isso, é preciso mudar paradigmas. E o maior paradigma a ser mudado é o do conceito de gestão. Na gestão democrática, intuída por Carmem Teixeira e ampliada e profissionalizada por nós, percebe-se a importância da participação consciente e esclarecida das pessoas nas decisões sobre a orientação e planejamento de seu trabalho no C.E.C.R.

O conceito de gestão, sabemos, está associado ao fortalecimento da democratização do processo pedagógico, à participação responsável de todos nas decisões necessárias e na sua efetivação mediante um compromisso coletivo com resultados educacionais cada vez mais

eficientes e significativos.<sup>64</sup> Entendemos que a questão do desenvolvimento da qualidade de ensino demanda uma orientação mais abrangente, com visão de longo prazo, do que tópica, localizada nos estímulos de momento próximos. Isso porque se tem observado, ao longo da história de nossa educação, que não se tem promovido a melhoria da qualidade do ensino por meio de ações que privilegiaram ora a melhoria de metodologia do ensino, ora o domínio de conteúdo pelos professores e sua capacitação em sentido mais amplo, ora a melhoria das condições físicas e materiais da escola. Qualquer ação isolada tem demonstrado resultar em mero paliativo aos problemas enfrentados, e a falta de articulação entre eles explicaria casos de fracasso e falta de eficácia na efetivação de esforços e despesas para melhorar o ensino, desprendido pelos sistemas de ensino.

A promoção de uma gestão educacional democrática e participativa está associada ao compartilhamento de responsabilidade no processo de tomada de decisão entre os diversos níveis e segmentos de autoridade do sistema educacional. Desse modo, as unidades de ensino podem, em seu interior, praticar a busca de soluções próprias para seus problemas e, portanto, mais adequadas a suas necessidades e expectativas, segundo os princípios de autonomia, participação e autocontrole. É preciso explicitar que o sucesso da Escola Parque hoje se deve a uma gestão educacional – antes comumente utilizada para designar a ação dos dirigentes – que prima não apenas em substituir a administração educacional, mas sim por um novo paradigma, que busca estabelecer na instituição uma rede de relações que ocorrem dialeticamente, no seu contexto interno e externo.

É fundamental que a construção dessa rede de relações se realize de modo interativo entre os vários elementos que constroem, em conjunto, uma realidade social. Daí a maior importância de redefinição de responsabilidades e não a redefinição de funções. É preciso visar o todo e não somente as partes. É necessário prestar atenção a cada evento, circunstância e ato como parte de um conjunto de eventos, circunstâncias e atos que devem ser orientados para resultados a curto, médio e longo prazo. Isso porque as menores ações produzem conseqüências que vão além do próximo e imediato.

A superação da visão burocrática e da hierarquização de funções e posições, evoluindo para uma ação coordenada, passa necessariamente pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento da totalidade dos membros do estabelecimento, na compreensão da complexidade do trabalho educacional e percepção da importância da contribuição individual

---

<sup>64</sup> LÜCK, 2005.

e da organização coletiva. A prática individualizada e mais ainda a individualista e competitiva, empregadas em nome da defesa de área e de territórios específicos – muitas vezes expressados de forma camuflada e sutil – deve ser superada gradativamente em nome de uma ação coletiva pela qual, no final, todos saiam ganhando, aprimorando-se no exercício da democracia ativa e da socialização como forma de desenvolvimento individual. Feitos esses esclarecimentos, longos, mas necessários, é preciso apontar, agora, o êxito da gestão democrática que fez da Escola Parque o modelo de Escola na Bahia e de como ela tem servido a muitos estudiosos como exemplo de uma escola popular de educação integral que precisa e deve ser ampliada. Para isso, detalharemos algumas mudanças operadas desde 2002, ano em que o atual grupo de gestor foi convidado para revitalizar o Centro e resgatar os ideais de uma gestão democrática.

A Escola Parque passou por um processo de revitalização, e como não podia deixar de ser, a nova equipe gestora sentiu a necessidade de implementar os ideais anisianos voltados para o homem integral, que procurassem valorizar a essência humana, tanto é que procuramos implementar projetos que atendessem e valorizassem a auto-estima de sua comunidade, através de ações inovadoras, ampliando a dinâmica da relação professor/aluno/comunidade/gestão e incentivando as potencialidades humanas, não com fórmulas mágicas, mas com ações que buscam dar conta do indivíduo bio-psico-social no contexto escolar, para que ele possa intervir na realidade para transformá-la em uma sociedade mais justa e igualitária. Para tanto, implementamos iniciativas com olhar sensível, que foram sempre incluídas na filosofia do seu idealizador, atrelando a uma gestão participativa e democrática que descentraliza responsabilidade e procura ver o Centro em sua amplitude e não em pequenos “grupos preocupados com o belo”. Dessa forma, surgiram neste período diversos projetos que estão integrados ao currículo regular: Aluno Guia, Rádio Escolar, Ginástica Comunitária, Psicologia Educacional, Apoio às Famílias, Leitura e Escrita para Adultos, Apoio Jurídico à Família, Escola de Pais, Psicopedagogia, Altas Habilidades/Superdotação, Saúde Bucal e, recetemente, Extensão em Dança em Parceria com a Universidade Federal da Bahia e com a Fundação Cultural .

Concluimos, aqui, a primeira etapa deste trabalho com a voz do seu idealizador,

a democracia é o regime da mais difícil das educações, a educação pela qual o homem, todos os homens, todas as mulheres aprendem a ser livres, bons e capazes. Nesse regime, pois, a educação, faz-se processo mesmo de sua realização. Nascemos desiguais e nascemos ignorantes, isto é, escravos. A educação faz-nos livres pelo conhecimento e pelo saber e iguais pela capacidade de desenvolver nossos poderes

inatos. A justiça social, por excelência, da democracia consiste nessa conquista da igualdade de oportunidades pela educação. Democracia é literalmente, educação. Há, entre os dois termos, uma relação de causa e efeito. Numa democracia, pois, nenhuma obra supera a de educação.<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup> TEIXEIRA, Anísio. Autonomia para educação na Bahia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 29, jul./ago. 1947, p. 90.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena. **Cenas juvenis**. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BASTOS, Zélia. **Centro Educacional Carneiro Ribeiro**: uma experiência de educação integral em tempo integral de atividades. São Paulo: CIP, 2000.
- CURY, Augusto. **O código da inteligência**. São Paulo: Ediouro, 2008.
- DAUNIS, Roberto. **Jovens**: desenvolvimento e identidade: troca de perspectiva na psicologia da educação. São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares**: sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.
- DIAS, Marina Célia Moraes. **Metáfora e pensamento**: considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré-escolar. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- DICK, Hilário. **Gritos silenciados, mas evidentes**. São Paulo: Cortez, 2003.
- EBOLI, Terezinha. **Uma experiência de educação integral**. Salvador: IBGE, 1969.
- EGGERT, Edla (Org.). **[Re]leituras de Frida Kahlo**: por uma ética estética da diversidade machucada. Santa Cruz do Sul EDUNISC, 2008.
- FERREIRA, Naura S. C.; AGUIAR, Márcia Ângela da S. (Orgs.). **Gestão da educação**: impasses, perspectivas e compromissos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREINET, Élise. **Nascimento de uma pedagogia popular**. Lisboa: Estampa, 1978.

- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREITAS, Kátia Siqueira de. Quem foi Anísio Teixeira? **Revista da Bahia**, Salvador, v. 32, n. 31, p. 84-90, jul. 2000.
- GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **Decreto n. 28.093**. Brasília, 04 jul. 2007. Disponível em: <<http://sileg.sga.df.gov.br/default.asp?arquivo=http%3A//sileg.sga.df.gov.br/legislacao/distrit al/decretos/Decretos%25202007/index26.html>>. Acesso em: 17 abr. 2009.
- GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. **Constituição do Estado da Bahia**. Salvador, 05 out. 1989. Disponível em: <<http://www.direito.adv.br/constitu.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2009.
- \_\_\_\_\_. **Decreto n. 28.398**. Salvador, 10 nov. 1981. Disponível em: <[www.ipac.ba.gov.br/site/conteudo/uploads/file/Lista\\_de\\_Bens\\_Tombados.doc](http://www.ipac.ba.gov.br/site/conteudo/uploads/file/Lista_de_Bens_Tombados.doc)>. Acesso em: 17 abr. 2009.
- GROPPO, Luís A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: D&PA, 1997.
- \_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: D&PA, 2000.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artemed, 1998.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2004.
- KARLING, Argemiro Aluísio. **Autonomia**: condição para uma gestão democrática. Maringá: EDUEM, 1997.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LIBÂNEO, José Carlos (Org.). **Educação escolar, políticas, estruturas e organização**. São Paulo: Cortez, 2005.
- LIMA, Licínio C. **A escola como organização educativa**. São Paulo: Cortez, 2001.

LOPES NETO, Aramis; SAAVEDRA, Lucia H. **Diga não para o bullying**: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro, Abrapia, 2003.

LÜCK, Heloísa. **A escola participativa**: o trabalho do gestor escolar. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. Perspectivas da Gestão Escolar e Implicações quanto à Formação de seus Gestores. **Em aberto**: gestão escolar e formação de gestores, v. 17, n. 72, p. 11-33, fev./jun. Brasília: INEP, 2000. Disponível em: <[http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B7FF1DC84-64A4-42B8-B810-F685C8CD7193%7D\\_em\\_aberto\\_72.pdf](http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B7FF1DC84-64A4-42B8-B810-F685C8CD7193%7D_em_aberto_72.pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2009.

\_\_\_\_\_. **Gestão Educacional**: uma perspectiva paradigmática. Petrópolis: Vozes, 2007.

MANTOAN, Maria T. E. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Discursos de identidade**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

NETO, Hemano G. **Anísio Teixeira**: educador singular. São Paulo: Companhia Nacional, 1973.

NOVAK, J. M. **Democratic teacher education**: programs, processes, problems and prospects. New York: State University of New York, 1994.

NUNES, Clarice. **Escola & dependência**: o ensino secundário e a manutenção da ordem. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. **Gestão Educacional**: novos olhares, novas abordagens. Petrópolis: Vozes, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens. Entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PESSOA, Carlos Magno. **O papel do colegiado escolar no processo de democratização da gestão**: um estudo de caso no Colégio Estadual José Malta Maia. 2009. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2009.

PETRINI, João Carlos; CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon (Orgs.). **Família, sociedade e subjetividades**. Petrópolis: Vozes. 2005.

PIMENTA, Selma Garrido. A didática como mediação na construção da identidade do professor – uma experiência de ensino e pesquisa na licenciatura. In: ANDRÉ, Marli D. A.; OLIVEIRA, Maria R. N. S. (Orgs.). **Alternativas no ensino de didática**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2002.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 05 out. 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 17 abr. 2009.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 1978.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: <[ftp://ftp.fnde.gov.br/web/siope\\_web/lei\\_n9394\\_20121996.pdf](ftp://ftp.fnde.gov.br/web/siope_web/lei_n9394_20121996.pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2009.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 5.692. Brasília, 11 ago. 1971. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/15692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/15692.htm)>. Acesso em: 17 abr. 2009.

ROCHA, Marlos B. Mendes. O público e o privado no ensino: para uma análise do período de 1930-1945. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 16, 1992.

SAMPAIO, Rosa M. W. F. **Freinet**: evolução histórica e atualidade. São Paulo: Scipione, 1989.

SANTOS, Denise. **Orientações didáticas em arte educação**. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.

SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Tempos, narrativas e Ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: Eduneb, 2006.

SOUZA, Regina Magalhães de. **Escola e juventude**. São Paulo: Educ, 2003.

SPOSITO, Marília P. Juventude: crise, identidade e escola. In: DAYRELL, Juarez. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

TEIXEIRA, Anísio. Autonomia para educação na Bahia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 29, p. 89-104, jul./ago. 1947.

\_\_\_\_\_. **Educação e o mundo moderno**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1977.

\_\_\_\_\_. **Educação é um direito**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_. **Educação não é privilégio**. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

\_\_\_\_\_. **Educação no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

\_\_\_\_\_. Os processos democráticos da educação nos diversos graus do ensino e na vida extra-escolar. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 62, p. 3-13, abr./jun. 1956.

VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto. Haiti. In: **Tropicália 2**. Polygram, 1993. Faixa 1 (4 min 18 s.).

VIEIRA, Paulo. Em busca da gestão estratégica da educação: notas para uma ruptura da perspectiva tradicional. **Revista Brasileira de Políticas e Administração da Educação**, Brasília, v. 13, n. 2, p. 247-260, jul./dez. 1997.

## **PAINÉIS E AFRESCOS DE 1953 LOCALIZADOS NA ARTÉRIA DA ESCOLA PARQUE: NÚCLEO DE ARTES VISUAIS**

“O instrumento da democracia – nunca será demais insistir – é a educação popular, isto é, e educação de todos para a vida comum e de alguns – selecionados dentre todos – para as funções especializadas da sociedade democrática e progressiva” (Anísio Teixeira - 1999).



**Painel 01 :**  
**Artista: Mário Cravo :**  
**Tema: O homem e A máquina**  
**Ano: 1953**



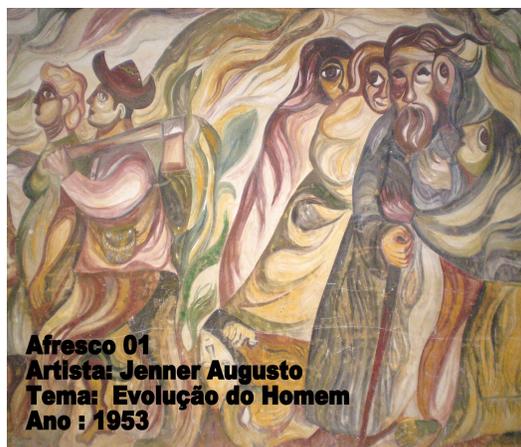
**Painel : 02**  
**Artista: Caribé**  
**Tema: A Energia**  
**Ano :1953**



**Afresco 02**  
**Artista: Carlos Magano**  
**Tema: Evolução do Homem**  
**Ano : 1953**



**Painel 03**  
**Artista: Maria Célia Amado**  
**Tema: A transformação da Matéria**  
**Ano: 1953**



**Afresco 01**  
**Artista: Jenner Augusto**  
**Tema: Evolução do Homem**  
**Ano : 1953**



## Mosaico 02: Núcleo de Esportes

“O jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana”, assim trata Johan Huizinga, em seu famoso livro *Homo Ludens*, acerca do jogo. Para ele, o jogo deve ser visto e tratado como forma significativa, lúdica e, sobretudo, pela sua função social. E ele vai além ao afirmar que o jogo é um dos elementos espirituais básicos da vida.



### Mosaico 03: Núcleo de Artes Visuais

“Setor de Trabalho” é denominado Núcleo de Artes Visuais. As artes visuais são como a artéria principal do centro.



## Mosaico 04: Núcleo de Jardinagem

As atividades do Núcleo de Jardinagem, vivenciadas pelos educandos, potencializam suas habilidades através de situações sociais significativas e prazerosas para o processo ensino-aprendizagem, desenvolvendo seu senso crítico, estético, artístico e cuidado com a natureza e a sociedade. Dessa forma, as vivências de jardinagem valorizam a natureza como uma fonte significativa para garantir um equilíbrio entre as relações humanas e a harmonia necessária para a preservação da vida no planeta e de sua comunidade.



## Mosaico 05: Núcleo Artístico

O Núcleo de Pluralidade Artística e Conhecimento desenvolve atividades artísticas que possibilitam ao educando vivenciar e experienciar novas formas de compreender o mundo, expressando através da linguagem teatral, musical e gestual o que for significativo para seu processo de inserção no mundo contemporâneo, potencializando suas habilidades através de situações sociais significativas e prazerosas para o processo ensino-aprendizagem.



## Mosaico 06: Núcleo de Informação

O Núcleo de Informação, Comunicação e Conhecimento tem como foco o estabelecimento de relação e interrelação entre os recursos tecnológicos, as produções humanas e as articulações provenientes da leitura, pesquisa, escrita, raciocínio lógico, intercâmbio com outras línguas, possibilitando aos sujeitos elaborar e reelaborar conceitos, procedimentos e atitudes a partir do vivenciado, experienciado e construído.



### **Mosaico 07: Núcleo de Leitura e Pesquisa**

O núcleo deseja verdadeiramente não apenas auxiliar os alunos e alunas a tirar dúvidas de determinadas matérias, auxiliar na resolução de exercícios, mas, sobretudo, contribuir na formação de leitores, tão poucos em nossas escolas, em nosso país. Deseja também harmonizar e não rivalizar computadores e livros, mas fazer desses suportes meios prazerosos de descoberta de leitura, de descoberta de mundo, de ampliação de horizontes.



## Mosaico 08: Núcleo de Projetos Especiais

A concepção original do Projeto Político Pedagógico delineado por Anísio Teixeira para o C.E.C.R. trazia em seu bojo a concepção de uma educação que pudesse não só promover a integração e a participação de todo alunado nas atividades oferecidas, essenciais à dignidade e ao desfrute do exercício dos direitos humanos, mas, também, combater a exclusão social. Enfim, era preconizada uma escola pública com um ensino básico para todos, em que os espaços e os tempos da educação fossem significativos para cada sujeito que dela necessitasse, antecipando-se assim os princípios da Escola Inclusiva.







# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)